

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

Larissa Oliveira Gabarra

Espaços educacionais e estímulo escolar:

A motivação do aluno na convivência com as construções das escolas, "Museu"(1921) e Bueno Brandão (1967), Uberlândia - MG.

Monografia de conclusão
do curso de História da U.F.U.,
orientação do
Dr. Antônio de Almeida.

Uberlândia, junho de 1999.

1208

1208

Leah

S. 15

1314

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU
N.º 1319
Data 13/07/99

*"A tensão dinâmica entre esquemas sociais e esquemas individuais propicia um espaço no qual a liberdade pode ser construída/defendida. O objetivo da educação é construir uma plataforma que possibilite este espaço da liberdade e mudança."*¹

¹ DIAS, Marina Célia Moraes. *Metáfora e pensamento: considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicações para a educação pré-escolar*. ed. UFMG. Belo Horizonte, 1997.

Índice

Introdução	p 04
Capítulo I - <i>Na imagem construída, um projeto educacional</i>	p18
Capítulo II - <i>Meio Ambiente escolar e os (des)Prazeres do aprendizado</i>	p47
Considerações Finais	p69

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZA-
GEM DE HISTÓRIA - UFU

N.º 1313

Data 13 / 07 / 99

Introdução

Este é um trabalho que trata da experiência humana. Uma experiência que se dá em um determinado tempo e em determinados espaços, nos quais os sujeitos sociais produzem e buscam realização para as suas necessidades. Tais necessidades, embora carregadas de significados que se expressam no cotidiano, trazem consigo várias outras referências de outros tempos e de outros espaços e, ao serem vivenciadas, produzem, por sua vez, novas evidências que são deixadas para gerações seguintes.

O desenvolvimento intelectual é o recriar da luz da existência humana, é o resultado do movimento humano de transformação das linguagens, é a própria potencialidade desenvolvida da produção da linguagem. Portanto, estar em desequilíbrio é existir. Existência é um conceito que abarca o movimento da vida humana, que traduz o desequilíbrio do presente, a lembrança do passado que existiu e a confiança do que existirá. A recriação é a tradução da experiência do homem em provar do novo. Essa experimentação é o ato de ir além do que se é, de construir a partir das referências e das raízes, do dia a dia, da ação, da idéia vivida para o futuro. Portanto criar não é um privilégio de uns poucos e sim princípio básico da existência humana. Todo homem é um ser criativo. O corpo, como um ser conjunto, é criativo, catalisado pela espontaneidade na medida que deixa uma passagem livre da ação ao inconsciente. O criar é a instabilidade da sistência, é o ex- da sistência, é o trânsito livre para a espontaneidade, característica universal do homem.² Viver é

² WECHSLER. Mariângela Pinto da Fonseca. Relações entre Afetividade e Cognição: Moreno e Piaget.

pois desequilibrar as raízes! E a História é a escola humana da criação! Despertar "Silenciosas Agonias"³ e possibilitar o ato da criação, é produzir uma história livre.

Por isso mesmo, esse movimento dinâmico da existência, do ser criativo, espontâneo, não é privilégio do artista. Na verdade todo ser humano é artista na medida que vive a história. Quero dizer com isso que a história é um movimento lento de transformações, que, às vezes, chega a parecer imutável, mas na verdade é essencialmente mutável, instável e criativo por natureza humana. Ao discutir a história das mentalidades, Le Goff mostra um tempo longo, onde os acontecimentos chegam a desaparecer. Enquanto isso, a história do cotidiano mostra o acontecimento em cada gesto diferente do momento anterior, um tempo curto. Entre o tempo longo e o curto existe a vida que é o saber sobre. Saber sobre é estar vivo. O conhecer algo é em si fazer algo. Estar vivo é fazer história, pois a história é o conjunto das transformações que o homem faz. Quero dizer que história é existência. Não nos opostos tempo longo ou tempo curto, mas na instabilidade criativa do homem, a vida.

A escolha do tema aqui proposto se deu, entre outras coisas, pela carência acadêmica da historiografia em discutir a educação como um instrumento histórico, não só do poder oficial, mas também do próprio sujeito. Como também de inserir a discussão do espaço físico como um sujeito histórico, portanto educador.

Ed. Annablume Fapesp. São Paulo. 1998. p28.

³ PENIN, Sônia. "Cotidiano e Escola. A obra em construção", ed. Cortez. São Paulo. 1995. p110

Nesse sentido, educação aqui pode ser entendida a partir de dois aspectos: como um direcionamento estadual sobre como se viver na sociedade e como um movimento de armazenamento da memória e, portanto, da construção histórica, produzida num processo de trocas das “peças” sociais, representado em linguagens, orais, iconográficas e escritas.

Sendo a educação um movimento composto por muitas representações, de várias linguagens, o espaço físico também deve ser compreendido como uma linguagem iconográfica, representado pela imagem que temos do lugar, ampliando assim, a discussão sobre a imagem enquanto um “sujeito histórico especial”, como também a discussão sobre o documento iconográfico.

Sendo assim, a escolha do estudo sobre o espaço físico, ao invés de outros aspectos da educação formal, vem suprir esse mesmo vazio que se configura na falta de importância que se dá a essa questão. Os estudos sobre o espaço físico geralmente são deixados a cargo de arquitetos, urbanistas e geógrafos, não sendo alvo de preocupação dos historiadores. A tradição histórica de análise das representações escritas, por vezes submete as transformações espaciais a uma condição de menor importância. A arquiteta, Cláudia Loureiro pensa essa questão, atribui valores humanos ao espaço físico, partindo da compreensão de que este foi projetado com a intenção de “refletir”, “absorver e expressar valores” que convergissem com a função social do prédio.⁴ No caso, ela faz uma análise pós-ocupação de escolas em Pernambuco e anuncia carinhosamente que o prédio escolar é um “professor especial”.

⁴ LOUREIRO, Cláudia. Cdroom “Pós -ocupação do Espaço.” FAU-USP. 1999.

Portanto, o principal documento desta pesquisa é uma memória viva em todos os sentidos (tátil, auditivo, olfativo, visual), pois tanto no caso da E.E. de Uberlândia ("Museu"), quanto da E.E. Bueno Brandão, escolas escolhidas para o desenvolvimento da pesquisa empírica, tratam-se de construções que aparentemente localizam-se no passado, mas à medida em que são utilizadas, sentidas pelos alunos no dia a dia atual, transformam-se em algo não apenas lembrado, mas também vivido e experimentado e tem algo a ensinar tal qual um "professor especial".

Este é um trabalho que, antes de tudo, tem uma preocupação com a importância da Educação. Como afirma Adão Lara,

*"Quer numa perspectiva religiosa, quer numa perspectiva laica, a educação humana é, antes de tudo, um enorme esforço de construção dessa casa que é o abrigo da eticidade, no qual as finitudes das auto-consciências e dos objetos que lhes servem de mediação para que na convivência possam se conflitar o mais positivamente possível."*⁵

A escola e o ensino são espaços onde se encontram múltiplas experiências, sejam elas éticas, étnicas, culturais, racionais ou conceituais. São "locus" das referências, das raízes, dos (pré)conceitos. Por isso mesmo não se limitam à condição de guarda-roupas, onde se organizam as peças deixando-as sem ação, como peças uniformes. São "depósitos" pessoais de referências humanas, raízes do consciente e do inconsciente de homens, mulheres ou

⁵ LARA, Tiago Adão. A Escola que não tive, o professor que não fui, ed. Edufu, São Paulo, 1996, p 11.

crianças que vivem ensinando-aprendendo ou aprendendo-ensinando, num jogo de “eus” com o social.

Portanto um “guarda-roupas” ilimitado de peças diferentes, que comporta a cada peça mudada, uma nova aparência e que também conduz a uma nova configuração interna. Sendo assim é um corpo que se transforma por dentro e por fora num movimento dialético, no momento em que as peças são modificadas. Além desse aspecto, o homem é um corpo que busca recebendo e recebe buscando essas peças que não dependem exclusivamente da vontade deste corpo, mas também das características das peças. No caso, cada peça é produto de um outro corpo, parte deste todo.

Esse jogo de aprender e ensinar é dialético, e se dá no espaço da comunicação, da linguagem e das trocas de informações. Professores e estudantes trocam conceitos a cada instante provocando instabilidades no jogo da vida. E o que desperta atenção é exatamente esse movimento de referências trocadas, transformadas e recriadas.

O objeto de investigação desta pesquisa está localizado no espaço público de duas escolas estaduais situadas no centro da cidade de Uberlândia, Minas Gerais. A Escola Estadual de Uberlândia (Museu), de 1921 e a outra, Escola Estadual Júlio Bueno Brandão, de 1967. A investigação caminha no sentido de observar a representação social que essas duas escolas têm no momento da criação, como também a transformação desta representação no cotidiano atual das escolas.

Por outro lado, é necessário observar também que os espaços, embora contenham especificidades, nunca estão deslocados do contexto mais amplo onde estão inseridos. Como nos ensina Raphael Samuel, a análise do objeto, ainda que específico, deve ser encarada como uma referência para se conhecer o mundo⁶. Com isso, o que se pretende afirmar é que os sujeitos sociais aqui pesquisados, ao entrarem em contato com a realidade do seu cotidiano, são participantes da história da sua escola, mas também da história da cidade e do mundo. Reconhece-se, com isso, que se tratam de seres ativos, obviamente compreendendo que a ação política não está restrita aos profissionais da política, mas que se trata de uma construção diária, produzida por cada um dos sujeitos sociais nas suas atividades mais corriqueiras.

Ocorre que,

“Como todas instituições do Estado, a escola é estruturada de forma burocrática, orientando a prática do cotidiano para orientações formalizadas e repetitivas que procuram homogeneizar aquilo que é mutável e diferente...”⁷

Fugindo a essa lógica, o que se pretende nesse trabalho é ir além da burocracia do Estado. O que se quer dizer é que ainda que seja necessário discutir diretamente a burocracia, isso não pode ser impedimento para se observar as representações sobre essa orientação, principalmente na estrutura física, com abertura para perceber o mutável e o diferente no espaço físico destinado à “praxis” educacional⁸.

⁶ SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. Revista Brasileira de História. São Paulo. ANPUH/ Marco Zero, n.19, set.89/fev.90, p 219-243.

⁷ PENIN, Sônia. “Cotidiano e Escola. A obra em construção”, ed. Cortez. São Paulo. 1995. p111.

⁸ “Praxis” no sentido de ação, individual ou coletiva, que produz a interação entre o poder

Como afirmam, Felix Guatarri e Suely Rolnik *"A produção da subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção."*⁹ Ou seja, essa subjetividade também está embutida na produção dos prédios escolares e carregam significados próprios do momento histórico da construção e dos momentos posteriores à utilização.

Trabalhando com esses significados, a preocupação aqui foi identificar esses traços de subjetividade, sua permanência e rupturas. Espera-se com isso que os sujeitos sociais se pronunciem tanto na relação com aquilo que lhes é imposto pela ordem instituída quanto através dos valores que emergem do seu próprio interior. Esse é um movimento que requer que se pense a história de forma dinâmica, com permanências e rupturas.

Portanto, embora este trabalho insira-se dentro do que tem sido caracterizado como História Local, parte-se do entendimento que o mesmo não pode estar isolado do macro, num movimento dialético, que pressupõe um constante ir e voltar. Isso não significa dar importância ao local como algo pitoresco nem entender em históricos como de proporções globais. Pelo contrário, o que se pretende é dar importância ao local procurando identificar nas suas múltiplas dimensões a presença do todo. Nas palavras de Samuel,

*"... ao invés de considerar a localidade por si mesma como objeto de pesquisa, o historiador poderá escolher como ponto de partida algum elemento da vida que seja, por si só, limitado tanto em um tempo como em um espaço mas usado como uma janela para o mundo."*¹⁰

homogeneizador e o indivíduo heterogêneo. (a liberdade e o conservadorismo)

⁹ GUATARRI, Felix e ROLNIK, Suely. Micropolítica. Cartografias do desejo, ed. Vozes, Petrópolis, 1993, p 28.

¹⁰ WECHSLER, Mariângela Pinto da Fonseca. Relações entre Afetividade e Cognição: Moreno e Piaget.

A janela, neste caso, é o espaço físico das escolas referidas. Ao trabalhá-lo cabe evitar o outro risco analisado por Samuel. Segundo ele:

*"Uma preocupação dominante tem sido a construção de paisagem e a análise da localização das indústrias, da moradia e do comércio. A dificuldade com esse tipo de trabalho está no fato de ele ser quase recompensador demais, fazendo com que a atenção do historiador seja desviada das pessoas para o local."*¹¹

Cabe aí uma dupla preocupação: não deixar o espaço mais importante do que o homem, mas também não utilizá-lo somente como ilustração, reduzindo-o a uma força impessoal e descontextualizada.

[Resta, pois, observar se esses dois espaços educacionais em Uberlândia, objeto desta investigação, que são locus privilegiado para a vida, estão estimulando o movimento próprio da EXISTÊNCIA ou, ao contrário conduzindo a uma lembrança estática, presa a uma normalidade socialmente estabelecida, imprópria para a construção do homem-sujeito, portanto negação da história viva.] Neste último caso, as representações sociais de cada indivíduo perdendo seu dinamismo, se estagnariam nos padrões de sanidade sociais impossibilitando a transformação do espaço real, já que o próprio homem deixaria de EXISTIR. Portanto, a tradição não só reside no psic, como também na matéria, no meio ambiente social produzido. Por isso, trabalhar com o espaço construído, projetado, requer penetrar no universo do agente construtor

Ed. Annablume Fapesp. São Paulo. 1998. p28.

¹¹ WECHSLER, Mariângela Pinto da Fonseca. Relações entre Afetividade e Cognição: Moreno e Piaget. Ed. Annablume Fapesp. São Paulo. 1998. p224.

buscando compreender as suas referências e identificando as evidências deixadas. A construção, o ato de construir, é em si um fato, pois é uma modificação do que se tinha e, ao mesmo tempo, uma preservação do que se tornou. O meio ambiente é modificado pelo homem para deixá-lo com as marcas da sua passagem. Ou seja, as estruturas metálicas, revestidas de cimento e cores são também uma forma de linguagem. Decodificar essa linguagem é uma das preocupações deste trabalho.

Mais do que isso, porém, preocupar-se com o existir humano nos espaços constituídos é recuperar no objeto transformações históricas operadas naquele meio ou, no caso desta pesquisa, é compreender os múltiplos significados que esses espaços educacionais adquiriram para além daqueles que os elaboraram. Por isso, embora o recorte do tempo para a pesquisa tenha sido feito em relação ao primeiro sinal de vida das instituições enquanto aparência estética do espaço físico, ou seja, os momentos das inaugurações dos prédios (Museu, em 1921, e Bueno Brandão, em 1967), não se trata de falar de uma realidade fixa em uma data definida, mas sim lidar com um ambiente real que se mantém como documento vivo ao longo dos anos, identificado entre os contemporâneos. Trata-se de um espaço real que muitas pessoas dele participaram, e participam, dentre elas os ex e os atuais alunos. Se, por um lado, a aparência dos prédios permite identificar valores e noções de espaço próprios, de cada época social (por exemplo no caso do 1º, da década de 20 e do 2º, da década de 60), o que pode ser analisado como elemento de continuidade, por outro, muitos desses valores perderam-se através do tempo. Portanto, o outro lado dessa

questão são as descontinuidades e as rupturas que, geralmente, estão associadas aqueles que produzem os seus caminhos transformando a realidade, o espaço, enquanto ela o transforma. O homem em contato com os outros homens, diferentemente das outras espécies vivas, produz a comunicação, cria o momento recriando a linguagem. Esta, por sua vez, extrapola o presente, pois tanto aponta para um futuro como deixa marcas que se tornam passado.

A historiadora Déa Fenelon propõe uma leitura da história que problematize a relação entre presente e passado, rompendo as amarras das leituras conservadoras:

“Nesse sentido queremos inverter a relação passado/presente para tornar mais explícita a relação do momento do qual partimos, ou seja, entre nossos problemas, nossas lutas e experiência histórica de outros momentos, para conseguir assim politizar a história que transmitimos e produzimos.”¹²

Por isso,

“... há que definir uma concepção de presente, que nos permita atribuir significado ao passado, e mais, que nos oriente em direção ao futuro que queremos construir, ou estaríamos traduzindo em conservadorismo social o culto pelo passado e transformando a memória em instrumento de prisão e não de libertação, como deve ser.”¹³

O ser humano é massacrado na divisão de si entre matéria e espírito na medida em que o trânsito livre de um ao outro é abafado pelos poderosos

¹² FENELON, Déa. “O historiador e a Cultura Popular”. Revista: História e Perspectiva, Uberlândia, 1992, p 60/70.

¹³ FENELON, Déa. “O historiador e a Cultura Popular”. Revista: História e Perspectiva, Uberlândia, 1992, p60/70.

estereótipos sociais e culturais. O papel da história é levar vida às pessoas, (a história é vida), é a partir da importância que se dá ao saber sobre o que o indivíduo necessita, que o historiador possibilita esse trânsito livre. O papel do historiador não é julgar, classificando as pessoas de pecadores, vagabundos, legais e ilegais. A função do historiador é analisar a realidade para além de estereótipos que imobilizam a criação do homem, imobilizando assim a história.

A falta desta visão transformadora em diversas áreas de conhecimento (psicologia, arquitetura, artes plástica, filosofia, sociologia, história) foi historicamente construída. As “trevas” do sobrenatural dos séculos V ao XV da história ocidental impuseram-se à sociedade formando um imaginário coletivo massacrado pela homogeneidade do ser que serve a idéia do mundo não natural. A ruptura com essa identidade levou a outra extremidade, a positividade da razão. O saber, fruto da experiência individual pensada, vivida e transformada junto ao coletivo que lhe pertence foi transfigurada pela pretensa neutralidade da ciência generalizante, que impôs uma nova homogeneidade ao mundo. O ser foi novamente amarrado a outra corrente estabilizante. Essa que divide o corpo em compartimentos “científicos” e que privilegia a matéria. O homem que come e o homem que pensa. E só pensa se come. Como propõe Moreno:

“O desafio está em como articulá-los, dando a cada um deles o quinhão que lhes pertence na produção dos seres humanos, que somos.”¹⁴

¹⁴ WECHSLER, Mariângela Pinto da Fonseca. Relações entre Afetividade e Cognição: Moreno e Piaget. Ed. Annablume Fapesp. São Paulo 1998. p28

Nesse sentido, o espaço enquanto objeto de pesquisa requer uma gama de documentação, que muitas vezes, tem sido tratada com desprezo: materiais iconográficos, plantas arquitetônicas, legislação, projeto e decretos oficiais, depoimentos orais, eis alguns do recurso aqui utilizados. Para a análise dessas “novas” documentações foram feitas observações e questionamentos diversos como: formato arquitetônico dos prédios (tamanho das portas, das janelas, das salas, quantidade de portas e janelas, escadas, geometrias linear/circular, iluminação; ventilação; acabamento(piso, textura, paredes, pintura); área para recreação, área para o conhecimento. Algumas dessas configurações pressupõem subdivisão hierárquica, niveladora. Outras comodidade, utilidade. Cabe à pesquisadora pensar esses vários aspectos arquitetônicos a partir das suas próprias contradições. Aprisionadores ou libertadores instrumentos de coersão ou de motivação. Espaços da crítica, da diferença, da diversidade, da espontaneidade, das oposições, das semelhanças, da convivência, da dinâmica/bagunça, da indisciplina, da responsabilidade, da introspeção, da liberdade de escolha, da aventura, da centralização e da descentralização. Tudo isso deu suporte a leitura do prédio e esteve presente nas entrevistas realizadas.

Além da estética, embutidas na construção dos prédios, foram também utilizados artigos de jornal e leis educacionais, com isso buscou-se compreender os projetos de governo, as leis de criação das escolas. Aos depoimentos orais foi dada importância ímpar. Nesse caso, partiu-se do entendimento de que o aluno que frequenta o prédio diariamente tem muito a

dizer sobre a utilização do seu espaço, e sobre a sua proximidade ou estranhamento enquanto usuário. Foram 30 alunos entrevistados nas duas escolas, na faixa de 15 à 17 anos, com pelo menos um ano já estudando no prédio, todos alunos do período da manhã. As entrevistas foram feitas nos pátios das escolas e os dias de pesquisa de documentos impressos e orais possibilitaram a observação empírica das imagens, situações, comportamentos de alunos diante do espaço.

Partiu-se da compreensão de que a educação carrega marcas humanas, que estimulam a alma criando alicerces para a ação do corpo no momento da experiência vivida, num movimento que extrapola o instante e o indivíduo colocando-o como sujeito da História. Ao trabalhar fontes orais, o sujeito é incentivado a resgatar sua memória fazendo uso das referências deixadas pela história, ele recria essas marcas através da linguagem falada. Na visão de Paul Thompson, esse é um processo que possibilita devolver aos sujeitos o seu lugar na história na medida que se dão conta de que são pessoas úteis para a história, podendo também a história ser útil para as pessoas.¹⁵

Em termos concretos, os caminhos percorridos nesta pesquisa significaram trabalhar com a história política oficial aplicada a essas escolas de 1921 à 1967, exposta no interesse de um projeto de concretização da modernidade capitalista ocidental e que está presente na realidade do Brasil, de Minas Gerais e de Uberlândia. Evidentemente nessas construções também permearam as concepções arquitetônicas que orientaram as construções das

¹⁵ THOMPSON, Paul. A voz do Passado. História Oral. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992. p 209.

duas escolas aqui analisadas. Num segundo momento, coube observar como as idéias políticas evidentes nesses prédios escolares foram recriadas no cotidiano dos alunos que os frequentam, procurando compreender como o poder instituído tem sido posto “à prova” e quais os significados que os espaços vividos têm assumido a partir das mutações, opções, diferenças e ações dos sujeitos que compartilham ali as suas experiências.

Sendo assim, o trabalho fica dividido em duas partes. No primeiro capítulo, intitulado de *Na imagem construída, um projeto educacional* buscou-se observar as referências sociais embutidas na forma como os prédios foram projetados, pensados e construídos. No segundo capítulo, intitulado de *Meio Ambiente escolar e os (des)Prazeres da Aprendizagem*, a preocupação fundamental foi o convívio dos alunos atuais com os edifícios.

Capítulo I - Na imagem construída, um projeto educacional

Assim, o espaço físico ganha vida, não é como disse antes, dar mais importância ao espaço que ao homem, mas é admitir que o ambiente é o lugar em que se está, em que se passa o tempo, através da existência destes (tempo e espaço) é que se produz jornais, ofícios, música, teatro, a cultura de um tempo histórico. Digo, que é andando por uma rua, ou preso dentro de uma quarto que a comunicação própria do ser humano é confeccionada e que se caracteriza de formas diferentes dependendo não só de quem o faz; mas também de onde é feito, e de quando é feito. A criação de escolas públicas não é somente uma produção que se consome concretamente no ato, mas que é consumida a cada dia que se reatualiza na viabilidade de novas comunicações vividas neste espaço.

Ao pensar a questão educacional a partir da construção das escolas públicas estaduais de Uberlândia, Museu (1921) e Bueno Brandão(1967), tornou-se necessário caminhar pelas políticas governamentais desses períodos, procurando identificar no interior das mesmas as propostas destinadas ao ensino, particularmente no que diz respeito a sua relação com o espaço físico.

Observar as propostas educacionais por de trás dos prédios requer um olhar atento para aqueles quarteirões que ganharam outra estética, outra apresentação, outra configuração. A partir de projetos para educação formal, o espaço foi transformado concretamente, modificando a paisagem anteriormente existente. Sobre o contexto republicano do fim do século XIX a família e a

escola deveriam ser encarregadas de preparar o espírito humano para se deixar penetrar pelo espírito capitalista. Na educação acredita-se está o passaporte para a modernidade. O Estado fica então encarregado de mediar o espírito do homem livre para o trabalhador assalariado.¹⁶

Uberlândia inserida nesse contexto, à frente da antiga praça D. Pedro II, realizou nesse

“desiderato a Sociedade Progresso de Uberabinha, que prontificou a doar o edifício onde funcionava o Ginásio de Uberabinha, criado e (...) dirigido pelo professor Antônio Luiz da Silveira em 1912 onde funcionava o Ginásio de Uberabinha,...”¹⁷

Surgiu então, em 1921, um Belo Sobrado com suas 15 janelas e uma grande porta. Um novo prédio para a Escola do Sr. Silveira, que em 1928 se tornou Ginásio Mineiro antecipando a Emancipação do distrito de Uberabinha, que um ano depois, em 1929, tornava-se a cidade de Uberlândia. A mais nova cidade do centro-oeste e uma das últimas cidades construídas pelos “Bandeirantes e Pioneiros” habitantes da pátria Brasil, como o influente político da região, Tito Teixeira, chamava os moradores de Uberlândia. Uberlândia foi uma cidade que nasceu no “berço de ouro” da República do “Café com Leite”. A cidade mãe, Uberaba, ganhou a Escola Normal e Uberabinha não podia ficar para trás. Tratou logo de ganhar um ginásio, um ginásio estadual, antes mesmo de se tornar cidade. Antes mesmo de nascer, foi gestada a partir de uma visão, que buscava objetivar educação para os cidadãos desta província. Por isso, exigiu-se do governo republicano um Ginásio Estadual que ficou regulamentado

¹⁶ SFORNI, Marta S. de Faria. Educação e trabalho no Brasil no final do século XIX: é preciso desenvolver um “Novo Espírito.”

¹⁷ Jornal “O Tribuna”. número 13, Uberlândia 1922.

Frente do prédio do Ginásio de Uberabinha, vista da praça.



Sem data, arquivo municipal de Uberlândia.

através do decreto número 8.958, que dando execução à lei número 1.052 de 25 de setembro de 1928 estabeleceu:

*"Fica o Secretário do Interior autorizado a contratar os respectivos professores e aprovar o seu funcionamento, devendo expedir instruções que se tornarem necessárias."*¹⁸

Assim, em três de janeiro de 1929 entrava em exercício a primeira turma com 91 alunos. Eram 12 salas de aula, todas prontas, há 7 anos, um prédio bastante amplo, com área de recreação, laboratórios e suntuosidade para tão poucos alunos.

A educação estadual atingia a poucos, mas a imagem de uma cidade que acompanhava a ciência e o progresso já começava a ser forjada pela elite uberlandense, visto a suntuosidade do prédio escolar da praça D. Pedro II.

O começo do século XX no Brasil foi marcado pela ampliação dos idéias republicanas.

*"A consagração da ciência positiva como o apanágio do progresso no século XIX pôs em cena uma nova elite de personagens envolvidos na sua gestão: cientistas, médicos, engenheiros, arquitetos, urbanistas, administradores e técnicos. As decisões com maiores consequências sobre a vida das pessoas passavam ao controle dessa nova burocracia científico-tecnológica."*¹⁹

Às potências mundiais pós Revolução Industrial não bastavam territórios conquistados. Era necessário que essas novas dependências transformassem os modos de vida tradicionais da produção, ensinando-lhes as práticas e

¹⁸ TEIXEIRA, Tito. "Bandeirantes Pioneiros do Brasil Central". História da criação do município de Uberlândia, 1970. p168

¹⁹ SEVCENK, Nicolau. História da Vida Privada no Brasil. Republica: da Belle Époque à Era do Rádio."

hábitos de produção e consumo do novo padrão político e econômico baseados nas ciências, na civilização, na modernidade capitalista.

Guiada por esses parâmetros, inspirada no rígido racionalismo positivista, a elite “científica” e tecnocrática brasileira pôs-se a construir prédios escolares. Na antiga Uberabinha, de 1861 à 1916 foram construídas sete escolas. Em 1860, ainda no antigo distrito de Uberaba surgiu a Escola Pública Provincial do distrito de São Pedro de Uberabinha. Em 1892 foi criada a instalação estadual para ensino de mulheres e homens. Em 1897, o Colégio Uberabinhense; em 1902, o Externato Carvalho; em 1907, o Externato Carvalho de Brito; em 1907, o Colégio Bandeira, em 1908, o Colégio Mineiro. Na sequência, em 1912, Ginásio de Uberabinha, que a partir de 1921 dará lugar ao prédio onde hoje se situa a escola “Museu” uma das escolhidas enquanto objeto empírico para esta pesquisa.

Trata-se de um lugar com estética apropriada bem a gosto da elite republicana brasileira de Uberabinha. Ou seja,

“Não basta conquistar territórios e povos: era necessário converter os corações e mentes destes últimos padrões compatíveis com a civilização moderna.”²⁰

Em 1870, o partido republicano é fundado no Brasil. Intelectuais, artistas, políticos e militares se comprometem com a

“modernização e atualização das estruturas “ossificadas” do Império baseado-se nas diretrizes científicas e técnicas emanadas da Europa e dos Estados Unidos.”²¹

Org. Fernando Novais Comp. Das Letras. São Paulo. 1998.

²⁰ TEIXEIRA, Tito. Idém 18, p 167.

²¹ SFORNI, Marta S. de Faria. Educação e trabalho no Brasil no final do século XIX: é preciso

O ecletismo arquitetônico segue diretrizes de um senso de medida prudente acompanhando as ciências e técnicas.²²

A elite atua junto às culturas populares, que nesse momento era bastante heterogênea (ex-escravos africanos, carregados de diversas tradições religiosas, ex-imigrantes de vários países europeus, carregados de diversas tradições de militância em movimentos operários; índios, buscando por fim às tradições agrárias e ao mesmo tempo, construir uma identidade nacional, que supostamente colocava um fim as diferenças raciais e contribuição para a formação de um padrão de trabalhador nacional. A civilização dos brancos burgueses era questão de educação. Daí o apelo,

“Seja educado, menino.”

Era necessário o ensino a todos e cabia à elite informar sobre como se deveria viver na nova sociedade burguesa. Depois do ímpeto da primeira fase de construções de escolas, que se acomodavam em residências particulares, as escolas começam a ganhar um caráter institucional da casa de intelectuais para prédios de caráter específico. Era a regeneração necessária para a construção da identidade nacional. A ciência, o progresso, a higiene, eram metas da elite que deveriam ser cumpridas por toda a população. Repressão e educação andaram juntas para alcançarem essa meta.

desenvolver um “Novo Espírito.”

²² NETTO, J. Teixeira Coelho. Moderno e pós-moderno. São Paulo. I&PM. 1986. p72-75

Era uma educação ainda bastante veiculada aos pensamentos católicos. Mesmo que a República separe a religião do caráter político, o modo de vida estava impregnado da ótica moral católica. Em Minas, no início do século XX,

"em cidades sertanejas somente prosperam estabelecimento de ensino mantidos por congregações religiosas.(...) Lá tem vantagens que desconhecemos..."
Vantagens como:

*"Garantia aos rapazes status e aos pais das moças, nesta sociedade machista, moralista e conservadora, assegurava "fina" uma educação e a certeza e segurança de sua virgindade."*²³

Ensinar era uma questão de manutenção da ordem, para a construção do cidadão-nacional-trabalhador. Assim, a elite republicana com a ajuda da igreja católica, ensinava à "palmatória" como ser civilizado e brasileiro, regenerando a antiga sociedade colonial, agrária, monárquica infestada de germes africanos, socialistas, comunistas, anarquistas.

Durante a "Belle Époque", intelectuais e artistas brasileiros fizeram a Semana da Arte Moderna em 1922. Antropofagicamente, engoliam a França republicana, a Inglaterra industrializada e os EUA emergente, fazendo dos modelos imperialistas meio para a construção da imagem brasileira. As influências políticas dos trabalhadores imigrantes, anarquistas, socialistas e comunistas também estavam presentes, buscando adaptar os moldes de uma forma nacional as proposta de construção de um novo sistema. A regeneração, então era a palavra de ordem da elite, que estava preocupada com a construção do homem burguês. Com repressão, exclusão social e policiamento

²³MACEDO, Ana Paula R. "O Estado mais católico do Brasil" Boletim do CEDHIS/UFU. Uberlândia.

uma grande parcela da sociedade foi obrigada a se adequar a este padrão. A construção da identidade nacional foi, sem dúvida, a regeneração da velha sociedade Imperial, de inúmeras manifestações sociais, religiosas, populares, de ex-escravos e imigrantes sobre a ótica gerencial que lhe convinha. Entre as disputas de idéias, proposta liberal tornou-se hegemônica, viabilizando o melhor modelo de cidadão- brasileiro-Nacional por vias educacionais que serviriam à implantação da industrialização nacional na década seguinte. Nesse sentido a educação sai do âmbito familiar, de conhecimento pelo conhecimento para ganhar importância na construção da identidade Nacional.

Os professores eram, na maioria vinculados, à igreja: missionários, seminaristas e freiras. Com o tempo, moças comportadas se tornavam professoras e os bons moços, trabalhadores honestos. Na implementação das idéias liberais republicanas procurava-se deixar para trás tanto a imagem do negro preguiçoso, quanto a do imigrante descompromissado, que aqui veio buscar apenas enriquecimento para voltar a sua pátria. Apostava-se na constituição de um novo homem: o trabalhador brasileiro. A educação do começo do século viria pois, deixar para trás o Brasil que não deu certo, atrasado, colonial, desumano. O bom trabalhador e a boa mãe eram valores a serem incorporados e a educação era o instrumento de constituição desse novo cidadão brasileiro, diferenciada do ex-escravo (ignorante, possuidor de hábitos, amorais e adepto de religiões suspeitas) e também do imigrante sem pátria. A

república construiria um novo cidadão e uma nova pátria. Era o momento de todos darem sua contribuição.

Se por um lado o Brasil procurava a identidade Nacional, por outro fazia parte da 2ª Revolução Industrial. Criava-se a nação brasileira não sob os parâmetros de suas raízes e antepassados nativos, mas sim, sob a ótica capitalista mundial, de modernidade, progresso e ciência. O Brasil era, pois, parte do todo, do mundo moderno.

"O capitalismo era assim não só internacional na sua pátria, mas internacionalista na sua teoria."

"É o que se pode comprovar pelo testemunho pessoal de dos pioneiros (lo desingn industrial, Raymond Loevvy: "Estando com apenas catorze anos, em Paris; onde nasci, eu já tinha visto o surgimento do telefone, do aeroplano, do automóvel, da eletricidade; do fotografo, do cinema, do rádio, dos elevadores, dos refrigerantes, do raio X, da radioatividade e da moderna anestesia."²⁴

Comentando o ímpeto dessa escalada da reforma urbana brasileira, o escritor Lima Barreto observou:

"De uma hora para outra a antiga cidade desapareceu e outra surgiu como se fosse obtida por uma mutação de teatro. Havia mesmo na coisa muito de cenografia."²⁵

Aos poucos, as escolas públicas foram substituindo os missionários, à frente das praças não mais, apenas a igreja, mas também a escola, ao lado do relógio, para dar ao povo "oportunidade de desenvolver-se". A cidade de

²⁴SFORNI, Marta S. de Faria. Educação e trabalho no Brasil no final do século XIX: é preciso desenvolver um "Novo Espírito."

²⁵ SEVCENK, Nicolau. História da Vida Privada no Brasil. Republica: da Belle Époque à Era do Rádio.". Org. Fernando Novais Comp.Das Letras. São Paulo, 1998.

Uberlândia não ficou atrás. À beleza da praça D. Pedro II somou-se à beleza do prédio do Ginásio de Uberabinha.

No que diz respeito ao conteúdo educacional nesse marcante início do século XX é a presença da Nova Escola, que apresenta todo um arcabouço de novidades. A palavra de ordem do escolanovismo era “determinação completa da realidade”, uma escola com fins na realidade social; seu programa: “educação para uma civilização em mudança”, com estratégia para banir a contradição e instaurar a identidade.”²⁶ Nesse ideal não é de se duvidar que quando a nossa bandeira republicana foi inventada já se propunha “ordem e progresso”. No caso da escola Nova era o momento de colocar a ordem. Acabar com a desigualdade de raça e de sexo em que estavam baseados nas “ociosas” leis imperiais. O negro, o imigrante, a mulher, todos foram incluídos na república, mas só se tornariam cidadãos os que tivessem educação. Era a formação do Estado nacional nos moldes da modernidade capitalista. A identidade da nação precisava ser constituída. Nos discursos oficiais ou da elite modernizante algumas palavras assumiram o primeiro plano: Estado Nacional, ciência, modernidade, progresso, bem comum, cultura das luzes, cooperação e solidariedade. Sobre a ótica da Nova Escola “(...), procuraram efetuar a despolitização da sociedade civil e colocar o uso público da razão sob o monopólio da vanguarda esclarecida.”²⁷ A Nova Escola introduzia o Brasil no liberalismo capitalista. Em Uberlândia, o jornal “o Tribuna” de 1922 utiliza-se da

²⁶ MONARCHA, Carlos. “A reinvenção da cidade e da multidão. Dimensões da modernidade brasileira: A Escola Nova. Ed. Cortez. SP. 1990. p130

²⁷ MONARCHA, Carlos. *idém* 26. p129

expressão, “cooperação” (a mesma adotada pelo o Sr. e Sra. Silveira, antigos donos da escola, que se tornou Ginásio Mineiro), para referir-se à doação do terreno na praça D. Pedro II para a construção da Nova Escola (Museu). Educar tornou-se uma questão social em pauta nas “Assembléias” populares (vanguardas do Trabalho) e nas “Assembléias” do poder republicano.

A proposta republicana de ensino, em Uberlândia teve a “cara” do Ginásio de Uberabinha, sendo criação de uma vanguarda estabelecida pela oligarquia local, preocupada com a manutenção de sua casta. Dessa forma, a imagem da educação uberlandense foi então construída a partir de uma estética eclética, capaz de compor todo esse quadro político escolanovista. O prédio teria em fim uma configuração moderna, racional e científica obedecendo à padronização concebida para a escola na própria divisão do espaço físico: auditório, salas de aula, laboratório, refeitório, espaços de recreação, da higiene e da administração (diretoria), que se mantêm como modelo até hoje, mesmo que os laboratórios não funcionem mais. Altura significativa (3,87m de pé direito) e muita suntuosidade, como a proposta da república. De detalhes explícitos, recortes e acabamentos arquitetados para ser digna de seu tempo. Um tempo ainda eclético, permeado por uma cultura indefinida, heterogênea, preenchida de diferenças raciais e de propostas políticas que formavam o diversificado caldo de cultura nacional. Ainda sob as influências arquitetônicas da educação religiosa, dos mosteiros e colégios internos, o Ginásio Mineiro manteve a altura, enquanto o pátio interno, dos antigos internatos desapareceu

e a quantidade(16) de salas de aulas (6,40 X 6,40m²⁸) aumentou. Era muito importante que se desse educação para o maior número de pessoas possíveis. O bem estar comum não deixou de aparecer: no sub solo do prédio, consultório médico, depósito esportivo, banheiros e vestiários, com latrina e chuveiros. No pátio também se encontrava o belo jardim, (hoje transformado em concreto, três quadras, 2 cobertas e 1 descoberta e 5 árvores que sobraram), citado e homenageado em 1942, pelos alunos do jornalzinho "Mineirinho" do próprio Colégio; e o galpão - refeitório, com cozinha e mesas (existente ainda hoje).

Apesar das linhas modernas e da racionalização do espaço, também aparecem algumas influências próprias do ecletismo próprio da época e não da nova proposta política ou arquitetônica.

A proposta educacional, portanto, reinventava um novo cotidiano, pela modernidade, iludida em um futuro de "progresso" e "desenvolvimento".

Em 1929, Uberabinha "que não pára no tempo", vira Uberlândia, um novíssimo município que no mesmo ano já tem sua primeira turma no Ginásio Estadual. Nas palavras de Tito Teixeira, um dos seus "comandantes" é, portanto,

"uma cidade de progresso, que acompanhava seu tempo, emancipadora e progressista e por isso mesmo apoiou o Estado Novo inclusive pós a vitória da "Grande Revolução Nacional".²⁹

Uberlândia era extremamente progressista e no edifício do Ginásio Mineiro formou-se a sede do comando geral à favor da "Revolução". Depois da "Revolução de 30", para a qual Uberlândia tem a sua contribuição

²⁸ As salas não são todas do mesmo tamanho, sendo essa medida uma média.

²⁹ TEIXEIRA, Tito. *idém* 18 p160

permanecendo sem turmas no ano de 1930, o jornal "Diário da Revolução" do dia 3 de novembro de 1930 avisa:

*"Reabrir-se-hão amanhã as aulas do Gymásio Mineiro local, em ;virtude de se achar normalisada a vida da cidade."*³⁰

A escola voltava ao funcionamento normal aplicando o conteúdo de ensino do novo governo. Apesar de seu prédio fazer parte da busca por novas linhas métricas e positivamente científicas, ele está profundamente arraigado na tradição colonial e na França, eclético, próprio da arquitetura do começo da república no Brasil, de linhas retas, beirais largos e detalhes nas janelas e portas. A construção se ergue às alturas, plantada na razão do não desperdício de tempo em rococós e rebuscamentos sentimentais, priorizando os acabamentos lineares. O prédio foi construído no amálgama de uma sociedade plural, de diferentes etnias, sem identidade nacional, de onde o planejador do prédio fazia parte, por isso seu caráter artístico ser eclético. Porém, a linearidade que também acompanha o projeto vem coincidir com a proposta educacional dessa mesma sociedade, onde os setores dominantes propõem uma homogeneização e redução da pluralidade, à medida que propõe um modelo de cidadão-trabalhador-brasileiro.

Com o passar dos anos, apesar de mantida a estrutura e o ecletismo aparente na sociedade do início do século XX, desde a década de 30 a sociedade brasileira se encontrava em um outro estágio em termos de proposta educacional que visava a constituição de uma identidade nacional, sem pluralidades. Isso quer dizer que as diferenças culturais bastantes evidentes

³⁰ Jornal Diário da Revolução, número 3, Uberlândia. 1930.

nas décadas de 10 e 20, em 30 já não são mais evidentes, pois a noção de cidadão brasileiro já se confunde com a do trabalhador nacional. As oligarquias de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e de outras partes do país cedem espaço para os “revolucionários de 30” e novos ideais para a construção do país penetram as escolas. Era chegada a hora de se multiplicarem as escolas para que os trabalhadores tivessem acesso a elas. Em Uberlândia, em 1931 se constrói a Academia de Comércio. Em 1935, como mostra o artigo do jornal “O Tribuna”, existiam 52 ruas e 32 escolas. As escolas profissionalizantes também são abertas, o espaço das 16 salas de aula do Ginásio de Uberlândia ganha curso de enfermagem e bioquímica. Devagar inverte-se a ordem dos fatos, o ensino a partir do qual os cidadãos entravam em contato com as ciências para escolherem o que queriam fazer na vida, torna-se um meio dos trabalhadores não serem desqualificados e obsoletos. A nova ordem da república moderna, O Estado Nacional Populista, que entrava na era da industrialização e no mundo desenvolvido massificava a educação para o trabalho. Era hora de qualificar o cidadão brasileiro como um bom operário. A fábrica, a escola e a imprensa encontravam a “Ordem” estabelecida, a identidade nacional construída, agora restava pensar o “Progresso”.

A aplicação das descobertas científicas, advindas da formação de uma nova sociedade racional tem-se através de um projeto político educacional de formação do cidadão para a república, que possibilitou nos processos industriais o desenvolvimento de novos potenciais energéticos. Durante a ditadura de Getúlio Vargas isso foi canalizado para a indústria nacional e para o

transporte. Enquanto à educação coube canalizar os potenciais de um trabalhador disciplinado e do trabalho positivado.

Para essa disciplinarização pós-30 o Estado sobrepõe-se aos movimentos sociais, afrouxando as rédeas da repressão e procurando atenuar as contradições de classe, velha proposta da República. No momento da "democratização" em 1945, a luta de classe reaparece no cenário político, mesmo que ainda abafada. Isso depois de um longo período de ditadura populista, burocratização estatal, de sindicalismo oficial, leis trabalhistas, Ministério da Saúde e Educação.

"Somente em 1930, depois da vitória da revolução, se tornou possível o lançamento das sementes essenciais, com a fundação do Ministério da Educação e Saúde."³¹

As sementes essencialmente tinham suporte no cientificismo de posituação do trabalho. Escola realmente independente do ensino religioso substituindo, o pragmatismo dogmático da igreja católica pela ciência do trabalho, a ciência para o trabalho e o trabalho para a produção. Quanto ao atendimento social, foi distribuída aos trabalhadores apenas a parte que lhes coube; muito bem organizada nas leis trabalhistas.

Com os trabalhadores preparados e os materiais básicos para a indústria à disposição, o desenvolvimento brota na forma de automóveis, eletrodomésticos, rádio, novas invenções que atingiam a estética, ornamentos práticos e decorativos para casa. A modernidade da luz elétrica já era fato consumado, esperava-se pela comodidade, o progresso, o desenvolvimento

³¹ SCHWARTZMAN, Simon. "Estado Novo, um Auto-retrato.", Ed. Universidade de Brasília. DF. 1983. p.359.

dessa modernidade, desses inventos. Mas a II Guerra Mundial acabará, e com ela o cenário de dois mundos divididos pelas idéias de diferentes sistemas políticos imperialista. Ao Brasil coube a proteção norte americana, não da fome ou da exploração, mas das idéias socialistas e comunistas. A Europa, além de dividida estava precisando de capital para se reerguer e pra lá foram canalizados os excedentes dos EUA. Para o Brasil sobrou a educação. Em 1946, criam-se as Comissões Mistas, intelectuais brasileiros e norte-americanos que irão estudar o Brasil para resolver seu problemas. Nesse caso, como instalar a indústria de bens de consumo nesse cenário preparado de bons trabalhadores e excelente bases de matéria prima?

“A interpretação do processo da industrialização brasileira pós-30, a partir do conceito de “substituição de importações”, marca os trabalhos voltados para a análise econômica dos anos 50, em que o desenvolvimento brasileiro estaria atrelado aos problemas do comércio exterior. Ao frear o nível das importações o desenvolvimento da industrialização era favorecido: período 1945-1961 comportaria essa característica até o seu esgotamento, com as limitações à capacidade de importar e das possibilidades do mercado interno, exigindo a definição de um novo modelo.”³²

Modelo este que vinha sendo estudado pelas Comissões de Estudos brasileiros. Essas comissões foram sendo renomeadas, foram mudando e em 1958 o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros.) não precisava mais de norte-americanos e propunha o fim das desigualdades regionais do Brasil, que por serem acentuadas atravancava o desenvolvimento do país. Conforme afirmou Ianni,

³² CARDOSO, Heloisa H. P. Conciliação. Reformas e Resistência. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998. p6

*"(...), quando o "subdesenvolvimento regional é muito acentuado, a referida região pode tornar-se politicamente "explosiva" e até mesmo ameaçar a "unidade nacional"."*³³

Portanto, criou-se para por fim a essa situação a SUDENE para o Norte/Nordeste e o Roncador Xingu para o Centro-oeste. Uberlândia, que hoje é considerada "Portão do Cerrado", "ontem" foi a porta de entrada do Roncador Xingu.

As décadas de 50 e 60 , significaram uma mundialização das economias capitalistas, com modernização acelerada que trouxe "um crescimento material que irá se explicitar na melhoria das condições de vida, com a diversificação de bens e serviços, e na opção por uma industrialização planejada, definidora dos setores prioritários de investimentos, inserindo esses países (atrasados) no conjunto da economia internacional."³⁴ Enquanto os trabalhadores ainda tinham acesso aos produtos, o mercado interno permanecia estável e o projeto de modernização planejado em 30 se sustentava, utilizando-se do "Estado autônomo", que assumia um papel predominante na sociedade para sanar os conflitos sociais e a debilidade das elites brasileiras.

Com Jucelino Kubitschek (1956-61), o esgotamento deste projeto desenvolvimentista começava a aparecer no aumento dos conflitos sociais, nas Ligas camponesas, nas greves, no quebra-quebra estudantil, juntamente com uma inflação crescente, e redução de taxas de investimento³⁵. Para manter a "ordem" e o "progresso", JK propõe o plano de Metas, 50 anos em 5,

³³ IANNI, Octavio. "As Ligas camponesas e criação da SUDENE" In: *Origens Agrárias do Estado Brasileiro*. Ed Brasiliense. São Paulo. 1984. p207.

³⁴ CARDOSO. Heloísa. *idém* 32. p17

³⁵ CARDOSO. Heloísa. *idém* 32. p7

direcionando a partir das idéias dos estudos brasileiros dos anos anteriores, atrás de um discurso que deslocava o conflito social para a cooperação e convivência harmoniosa entre capital e trabalho, “cada qual contribuindo para a “construção da nação”.”³⁶ Nessa perspectiva JK começou a construção do marco de desenvolvimento da modernidade para o interior do país na construção de Brasília.

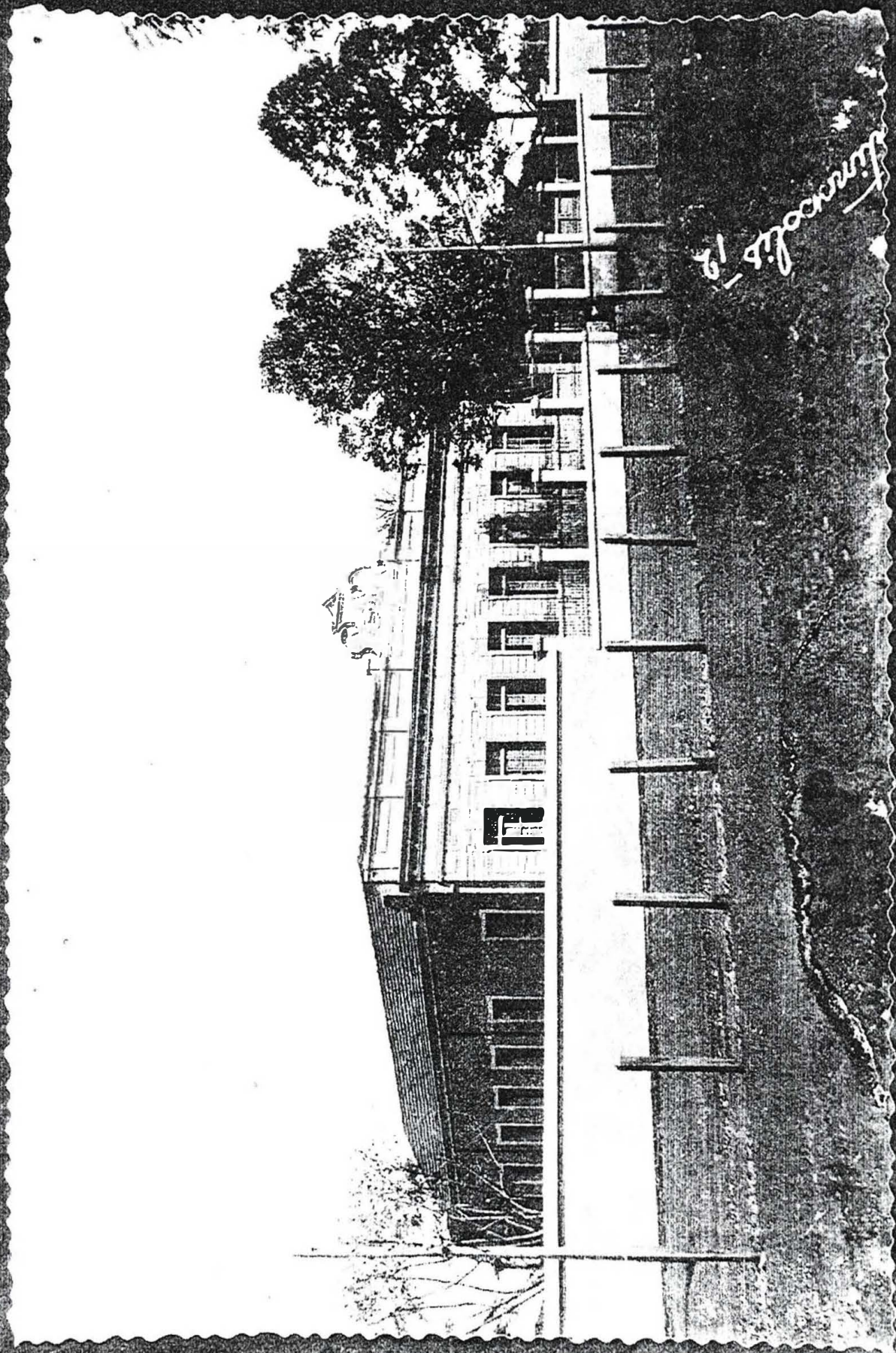
O desenvolvimento arquitetônico acompanhou a intensificação do debate sobre industrialização, como a única ou principal via de desenvolvimento do país.

Dessa forma, um prédio Colonial, de 1915 com poucas salas, enraizado de aspectos agrários, não seria mais a nova imagem da cidade de Uberlândia, nessa pretensão de ser moderna, de ser desenvolvida. Se as cidades eram o grande troféu do capitalismo, enquanto monumento histórico, Uberlândia não poderia manter uma estética atrasada, num momento de maior industrialização e desenvolvimento do país, enquanto “uma” nação, a modificação do espaço físico com uma nova estética não tardou a acontecer.

Prédio antigo, de 1915 do Grupo Escolar Bueno Brandão.

Arquivo Municipal de Uberlândia.

³⁶ CARDOSO, Heloisa. *idém* 32. p7



J. H. Hocking

Era o que ficava evidenciado, na revista Ilustrada, nº22, de setembro de 1957:

"Brasília engrandecerá Uberlândia que se tentará a cidade chave de toda zona sul goiana, pelo primazia da sua posição intermediária na rota do litoral para Oeste." Assinado por Jucelino Kijbitschek.³⁷

O Plano de Metas de Kubitschek foi construído, com paciência de cientistas. Enquanto a ciência tecnológica encontrava novas formas de mecanização do cotidiano, possibilitando o crescimento da produção de bens de consumo, a educação deveria atingir o maior número de alunos para construir o bom trabalhador, que deveria estar qualificado para cada tipo de indústria.

A cidade foi e é o principal monumento erguido à luz da civilização capitalista. E a educação formal o monumento à democracia e a ordem no interior desse sistema. Enquanto Bauhaus, Le Corbusier eram entalhados nos prédios das grandes metrópoles europeias, norte americanas, desde os modernistas da década de 30, no Brasil essa influência arquitetônica é apresentada a partir do começo da década de 50, nas construções de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer que foram correspondentes pessoais de Le Corbusier,

O Grupo Escolar "Júlio Bueno Brandão", localizado na antiga praça da República desde 1915, fundado no prédio Lourdes de Carvalho, dirigido primeiramente por Honório Guimarães, em 1958 foi demolido, quando começou

³⁷ Assinado cordialmente pelo ilustre Sr. presidente da república do Brasil, como é apresentado na Revista Ilustrada, número 22, Uberlândia, 1957.

então a construção do prédio atual que foi inaugurado em 1967. Esse outro espaço físico veio representar especificamente a ideologia educacional do país. Por trás da arquitetura estampava-se o discurso do governo Juscelino Kubistchek.

Nesse contexto, Uberlândia buscava seu espaço como cidade desenvolvida, chegando a ser apresentada uma proposta para tornar-se a nova capital, por estar em um lugar estratégico para o estreitamento da ligação entre regiões do Brasil como Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais à outras regiões menos favorecidos pelo desenvolvimento. Como as regiões Norte, Centro e Centro-oeste. Não sendo a escolhida, Uberlândia não se contentou em manter a aparência de cidade de interior. Pôs-se logo a construir edifícios com a estética de uma cidade moderna. O primeiro prédio construído em setembro de 1957 foi anunciado pela Revista "Uberlândia Ilustrada" como "..., a maior obra de cimento armado."³⁸, que substituiu o nome da antiga praça da República para Tubal Vilela, o nome do edifício e do prefeito da cidade de 1951. Nessa oportunidade, o prédio atual da escola Bueno Brandão ainda não existia. Em seu lugar ainda estava situado o antigo prédio, baseado numa arquitetura colonial, um pouco mais rebuscada e contendo mais sentimentalismo nos detalhes.

38 Revista Uberlândia Ilustrada, n22, Uberlândia 1957.

Ao redor da praça se encontram 2 prédios altos, o prédio que se encontra na esquina da esquerda é o "Tubal Vilela". Na mesma linha imaginária desse, a frente da praça também, a 3ª construção na rua contando do Tubal Vilela para a esquerda se encontra o prédio da E. E. Bueno Brandão.



Foto recente. arquivo Municipal de Uberlândia.

* Revista Uberlândia Ilustrada, n.22 "EDIFÍCIO TUBAL VILLELA" Firma Q. Bieerembach., Uberlândia, 1957.

Dia 27 de abril de 1959 é registrado no cartório da "próspera e progressista" cidade de Uberlândia, o terreno"³⁹ situado nesta cidade à praça da república,

"..., medindo cinquenta e nove metros e meio (59,50 m) para a referida praça, (...), existindo no dito terreno o Edifício do Grupo Escolar Bueno Brandão, de propriedade do donatário no caso o Estado de Minas. "Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão", foi demolido, conforme consta..."

Aquele antigo prédio, cujo decreto de criação número 3900, data de 1915, e que trazia a influência francesa e as raízes coloniais da Arte de Minas Gerais do início do século XX foi demolido em 1958. Um dos seus ex-alunos deixou registrada a sua mágoa, na imprensa local. O Grupo passou por "bons bucados", o espaço foi fragmentado, algumas salas de aula se tornaram "salas anexas" a outros Grupos; exemplo: Escola Estadual de Uberlândia, que ganhou alguns alunos para os próximos anos. Mas a maioria dos alunos que ficou sem prédio foi para o "colégio Brasil Central", à rua Barão de Camargo, 695.⁴⁰

Em 1967, com a construção do andar térreo do novo prédio, os alunos voltam para seu local original. Na frente da praça da República, atual praça Tubal Vilela, quem passava na rua via crescer um edifício moderno, próprio da influência da arquitetura modernista de Le Corbusier. O novo prédio, então ficou dividido em salas de aulas, biblioteca, diretoria , pátio e área de refeição. Todo o espaço bem arquitetado de forma que não sobrasse espaço perdido, sem uso. O pátio foi diminuído ao ponto de se limitar à área de uma quadra esportiva, hoje coberta. Todas as salas retangulares (4 X 5m) e baixas (2,80m de altura),

³⁹ Revista Uberlândia Ilustrada. n22 "EDIFÍCIO TUBAL VILLELA." Firma Q. Bieerembach.,

biblioteca e salas da direção: compartimentos separados do pátio onde as salas de aulas estão localizadas, com apenas uma abertura de ligação para o pátio, posicionando a separação entre alunos e autoridades, hierarquizando o próprio espaço físico. A utilização do espaço foi planejada de forma que atendesse aos interesses dos novos tempos. Tempo de uma indústria crescente, onde ornamentos, detalhes gastos com a estética, não cabiam no gasto de um estado desenvolvido. A visão utilitária sobre o prédio falou mais alto que o valor da arte, esta compreendida como desperdício de materiais-verbais.

O prédio continua sua construção e ao fim de 1968 quem sentou na praça, agora Tubal Vilela, pôde ver um grande e moderno edifício de três andares. Acabado com seus materiais metálicos, vidro e concreto. Um caixote, de duas marquises, com janelas retangulares que ocupam todo o espaço da parede em largura e estreitas em altura. A maior utilização do espaço em número de alunos porém com carência de iluminação e ventilação.

Manter um prédio colonial na frente da praça principal de uma cidade que se quer como imagem do progresso, no interior de Minas Gerais, porta de entrada da modernidade para as regiões, Centro e Centro-oeste, não “caía bem”. A estética educacional de um país agrário, de ociosidades imperiais não mais cabia num momento em que a educação era o meio mais adequado para a produção da imagem social do “Bom Trabalhador”. O prédio Colonial, de 1915, Grupo Júlio Bueno Brandão, em 1958, não se adequava à nova imagem de

Educação da Cidade, na praça Tubal Vilela, a principal da cidade o prédio é a apresentação da cidade para os Visitantes (possíveis investidores) como exemplo da educação, da formação que o trabalhador precisa.

O novo prédio funciona como apresentação da educação formal da cidade de Uberlândia que se presta ao papel do desenvolvimento científico. Na sua construção o que ganhava forma era o projeto governamental para a educação de 1958. A construção de linhas retas infinitas perde o dinamismo (presente nos acabamentos detalhados com recortes nos beirais, batentes de portas, portas de madeira bruta, janelas grandes, pés e tetos de pilastras, corrimão trabalhado no próprio concreto das escadas, de paredes altas (3,87m)⁴¹), para servir ao racionalismo científico mais apurado: o complexo desenvolvido como filho da imagem oficial do Modernismo de Le Corbusier, já que nas décadas de 30 e 40, esse foi bastante criticado por ser simpático às causas marxista, somente após a II Guerra Mundial foi incorporado aos projetos políticos dominantes, reestruturado para adequar-se aos serviços prestados ao governo. Com sua nova roupagem, o prédio serviu perfeitamente à repressão após AI-5, em 1968. Se durante a construção os ideais de não desperdício, de racionamento, de contar com o maior número de alunos no mesmo espaço para receber educação foram os elementos norteadores; quando o projeto se solidificou e o prédio começou a ser usado, as salas de aulas voltadas para o mesmo pátio, a elaboração de uma área de circulação útil para à recreação, deixavam explícita

⁴⁰ Projeto Pedagógico para 1997 da E. E. Bueno Brandão. Diretor Sérgio.

⁴¹ Todas as medidas indicadas foram retidas da planta baixa, de 1972. Projeto número 532. Prefeitura Municipal de Uberlândia.

a carência de preocupação com o espaço de liberdade. As salas da direção compartimentadas em várias salinhas de corredores estreitos, a visibilidade das salas de aulas localizando-se qualquer ponto do pátio, as portas das salas e a única escada de acesso ao prédio, tudo isso serviu melhor ao estado repressor da ditadura de 1964 do que a democracia liberal de JK.

Porém a contradição existente entre a estética moderna, apreciada socialmente como “prova” do desenvolvimento, e a serventia deste espaço à opressão, aparece não só na análise do espaço, mas também na fala das pessoas que viveram aquela época (1958-1967)

“... Agora, eu falo, cada um tem suas queixas, mas eu falo que esse homem foi um dos grandes homens; para quem formou Brasília em quatro anos, você vê que ele tinha aquele valor.”⁴²

Se construir sempre foi um monumento ao poder, uma memória que deve ser lembrada pela história, como as pirâmides ou a Torre Elfil, a cidade foi e é o principal monumento erguido à luz da civilização capitalista. E a educação formal um monumento à democracia liberal. As escolas “Museu” e Bueno Brandão foram construídas dentro da perspectiva de nação e cidadania. O primeiro, enquanto projeto de modernidade, como tudo que é construído foi planejado para servir ao futuro, mas com 10 anos de uso sua imagem visual não apresentava funcionalidade técnica. A escola eclética própria da sociedade plural do começo do século, aparentemente foi homogeneizada pelas diretrizes do populismo de Vargas que tem como principal característica a sobreposição do Estado às classes sociais. Já a escola Bueno Brandão significa

⁴² CARDOSO, Heloisa. *idém* 32. p.3

concretização do projeto de modernidade. E quanto a isso, se a imagem modernista do fim da década de 50 sana a carência da elite uberlandense de fazer parte do desenvolvimento do país, no fim da década de 60, quando finalmente o prédio fica pronto, a sua funcionalidade serve aos ideais opressores da ditadura militar.

O "Museu" foi o projeto monumental da cidade de Uberlândia enquanto estruturação nacional das cidades voltadas para o progresso do Estado de Minas e da república do Brasil. Apesar do novo prédio, o Ginásio de Uberabinha, de 1921, ter sido pouco usado dentro da perspectiva do ensino laico, não religioso preocupado com o cidadão, com seus direitos e deveres, cabe reconhecer que serviu à república e não ao ecletismo da imagem física. Depois de 30, a sociedade de conflitos sociais de várias etnias, religiões e ideologias foi solapada pela ordem e o progresso baseado num país uno, nacionalista e oprimido. O espaço eclético, ao passado foi delegado, a importância de sua memória no presente, foi colocada em um altar para ser cultuada, ou ironizada, apelidado de Museu. O ecletismo cultural, anterior a opressão do Estado Populista, só não pode ser vivido. Porém, nem só de desastre é feito o planeta, a diversidade de posturas arquitetônicas, a forma do prédio serve à educação uberlandense até hoje.

Os anos 30 foram de intensivo uso profissionalizante, como deixou claro Francisco Campos, ministro do mais novo Ministério da república, da Instrução e da Saúde Pública. Nesse sentido, é uma educação ministerial, posicionada na burocracia estatal que adquiriu com o passar de 30 anos aspectos mais sutis de

aprisionamento da educação laica à disciplinarização infantil para o trabalho, a construção do Bueno Brandão vem concretizar o projeto de homogeneização de uma sociedade nacional padronizada em operários na área específica necessária ao capitalismo da região.

Enquanto Bauhauss, Le Cobousier eram entalhados nos prédios das grandes metrópoles européias, desde os modernistas da década de 20, engajados na discussão artística e social das formas e cores, comunismo ou capitalismo. Pós II Guerra mundial, reestruturação do mercado norte-americano, em relação com os países Latino Americano, numa corrida contra o socialismo URSS e adequação cultural norte-americana. A arquitetura e as artes não deixam de participar dessa padronização, enquanto a obra de arte utilizava das imagens publicitárias, a discussão de Le Coubusier foi moldado em uma imagem moderna, com medidas repressivas. A cidade próspera e futura metrópole, Uberlândia, no fim da década de 50, não podia ter como monumento à educação (disciplinarização para o trabalho) no centro da cidade um prédio colonial agrário, tão antigo e antiquado(1915). À essa cidade foi doado um projeto educacional em prédios de imagens modernas e estruturas de vitrine de “setores”, o Bueno Brandão.

As duas escolas foram construídas em momentos diferentes. Foram projetos arquitetônicos, carregados de ideais de cada época, que inauguraram sua utilidade pública em momentos de ditaduras, Vargas e Militar. E continuam a servir hoje, sem o ritual de inauguração, afetando os alunos que frequentam o prédio. Como um “professor”, o prédio ensina os conceitos embutidos na sua

construção para além do que quer o Estado, o planejador, os professores, a direção e a própria comunidade. Como o campo das representações comporta leituras variadas, a lição do espaço físico também constitui o aprendizado dos alunos. Transgredindo ou adaptando-se à seu modo ao formato dos prédios esses alunos, como valores ordenados, os sujeitos históricos que são, abrem possibilidade de construção do seu ambiente escolar criando condições para a transformação do espaço, mas também do seu próprio tempo.

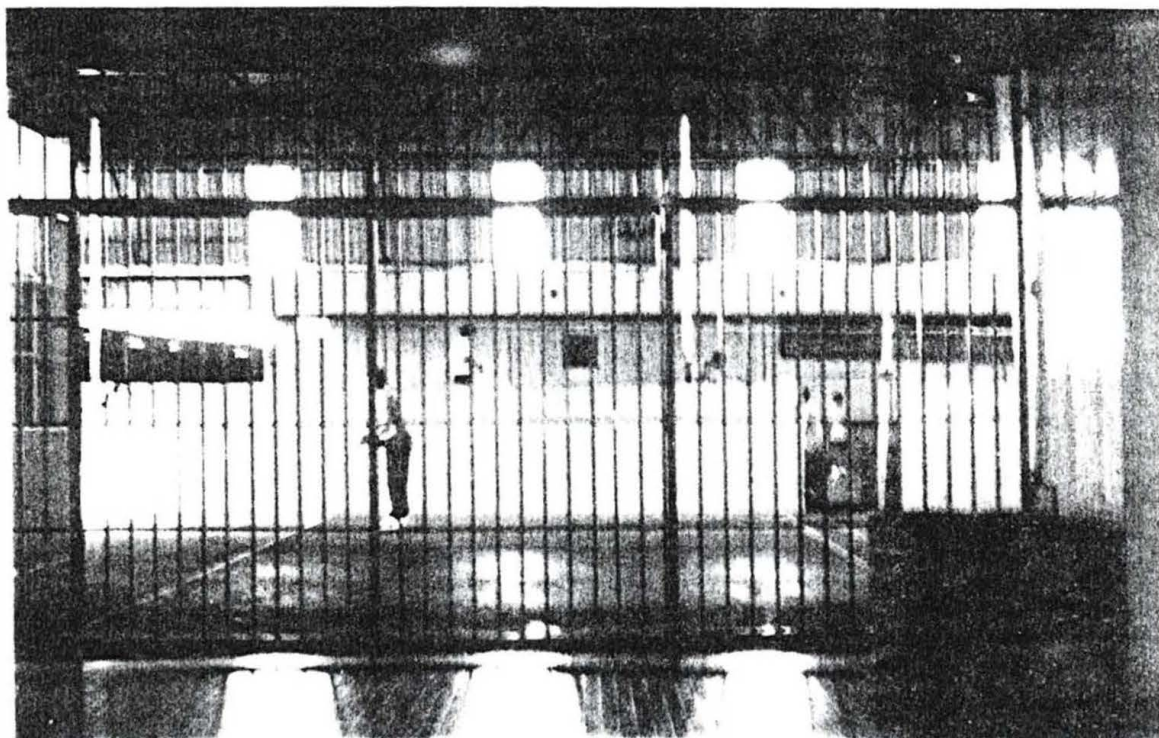
Capítulo II - Meio Ambiente Escolar e os (des)Prazeres da aprendizagem.

Tanto no capítulo anterior, (cuja atenção esteve voltada para as prioridades governamentais, políticos e econômicos, como também da representação cultural explicitada nas construções dos prédios escolares), como neste capítulo, a questão do impacto das características físicas da escola sobre a orientação pedagógica foi sem dúvida o fio condutor que norteou a discussão. Por isso, nesse capítulo, as transgressões, agressões, carícias e adaptações existentes entre os alunos e o espaço físico foram privilegiados para compreender a motivação do aluno pelo conhecimento vivido nessas duas escolas de Uberlândia, após a construção dos seus respectivos prédios escolares.

Tendo visto no primeiro capítulo como os prédios escolares, entendidos como “professores especiais” foram pensados, elaborados, projetados e construídos a partir dos seus respectivos períodos históricos é o momento de discutir como esses “professores”, (um idoso, de 78 anos, e outro, jovem de 27 anos), com toda sua carga de valores sociais e pessoais (específicos de cada um) têm influído na educação dos alunos que hoje frequentam esses dois colégios.

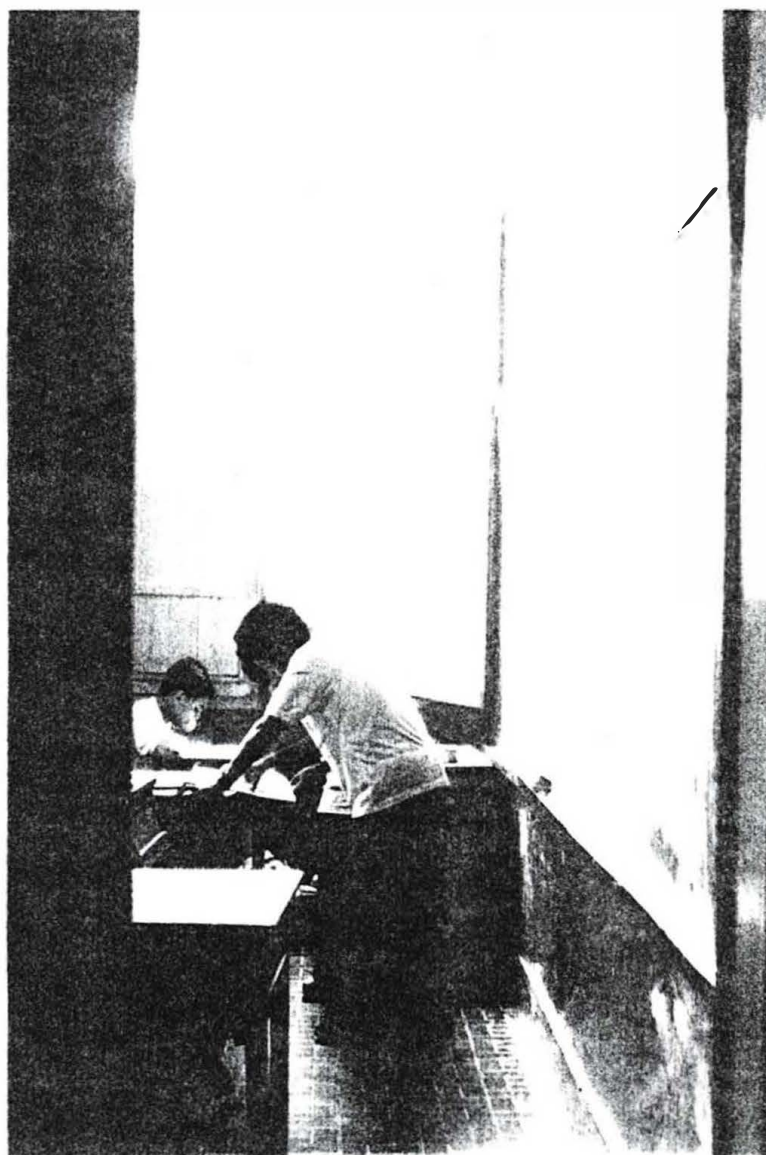
Cabe ressaltar mais uma vez que não se trata aqui de uma educação restrita à transmissão de valores dos prédios para os alunos, mas sim de um movimento histórico no qual se aprende ensinando ao mesmo tempo que se

Frente do Buéno Brand in 1909



Acesso a área de recreação do Buéno Brand in 1909

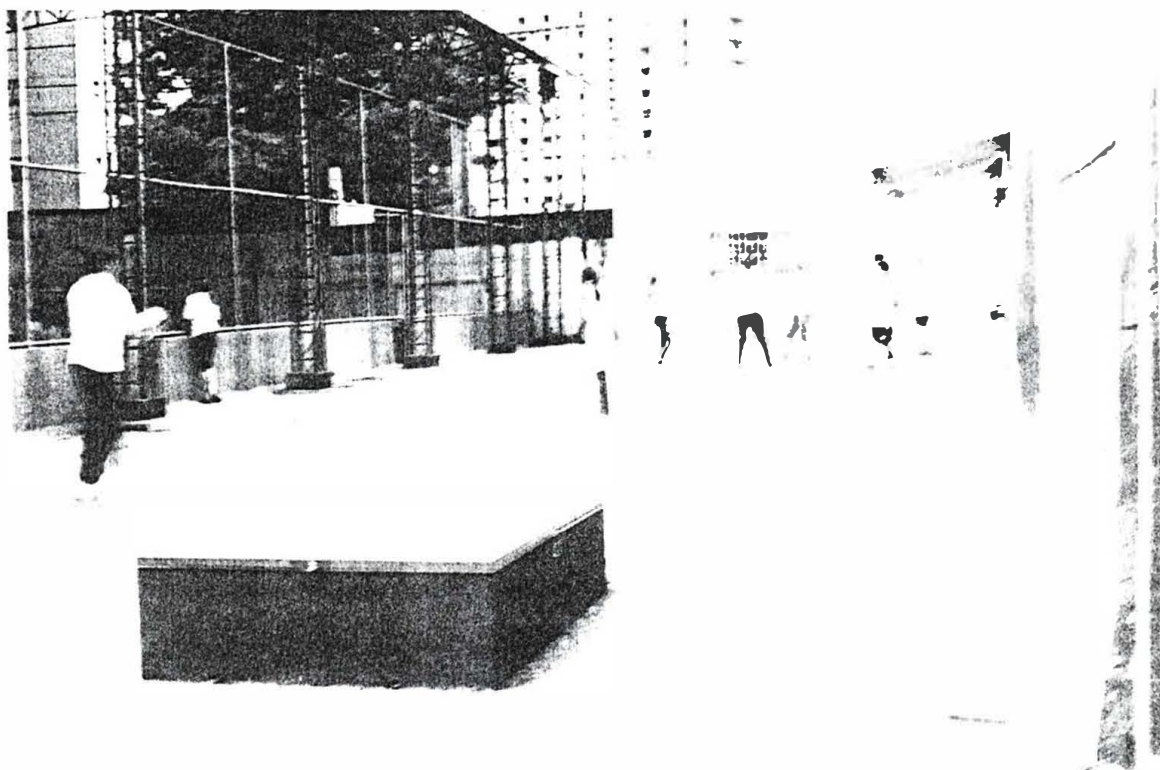
Sala de aula
no 2º piso,
Museu,
1999.



Frente da
E. E. de Uber-
lândia, 1999



Pátio do Museu, 1999



Um dos acessos a área de recreação do Museu, 1999

ensina aprendendo, numa circularidade que move a história entre o prédio e os que o utilizam.

Num contato direto da pesquisadora com os alunos, a primeira pergunta que lhes foi feita referia-se ao interesse de ir à escola. E as respostas da maioria indica que os alunos frequentam a escola para se encontrar com os amigos, sendo que o estudo aparece como uma segunda opção, porém não esquecidos no momento da resposta. A sociabilidade é um fator intrínseco ao cotidiano do aluno. Nesse caso uma sociabilidade extremamente ligada aos amigos e não aos funcionários, direção ou professores. Nota-se então que o momento em que o aluno troca referenciais com outros alunos é de muita importância para o despertar do seu dia a dia e para a caminhada no cumprimento da obrigação dos estudos. Estudar é bom, mas são os amigos quem dão aquela carga de impulso para o fazer.

Mesmo que a troca de saberes entre os amigos seja menos rica no aspecto formal da educação (principalmente quando se imagina que um adulto, o professor no caso, poderia estar passando um maior número de conteúdos ao adolescente), ainda assim, essa troca que se dá numa mesma linguagem e sobre assuntos de maior interesse para o aluno, que ocorre quando os amigos param em algum local para conversar, é muito mais rica. Pois traz consigo o interesse, que é o fator "e" que produz o transe entre o que já é produto da memória e o que pode vir a ser. Portanto os momentos de bate papo entre os colegas têm uma contribuição significativa no desenvolvimento do intelecto e no armazenamento de conhecimento. Sendo assim, os alunos também não tiveram

dúvidas sobre a pergunta, “onde mais gosta de ficar?” A resposta veio rápida: sempre nos espaços que possibilitam encontros: para Rafael⁴³ é “*na quadra, na última.*”, Aline⁴⁴, “*No galpão*”; Jane⁴⁵, “*Na quadra coberta grande. Todo recreio a gente fica aqui.*” (no degrau do laboratório); Lidianne⁴⁶, “*Nesse lugar.*” (mesinhas do lado direito do prédio); Patrícia⁴⁷, “*na caixa d’água.*”; Guilherme⁴⁸, “*Dentro da quadra descoberta.*”; Victor⁴⁹, “*No pátio , na frente da sala.*”; Daniela⁵⁰, “*No meio da quadra. No pátio não pode ficar.*”; Lorena⁵¹, “*Na arquibancada, no banheiro.*”

Portanto, seja na arquibancada da quadra, na quadra, no refeitório da escola, na porta da sala de aula no Bueno Brandão, seja nas mesinhas, na caixa d’água, no degrau do laboratório, na quadra descoberta, na quadra coberta ou no galpão do “Museu”, o fato é que os lugares preferidos pelos alunos são sempre aqueles que possibilitam as “trocas”, sem a vigilância ou

⁴³ Conforme depoimento de Rafael 2º colegial, 17 anos, à 5 anos no Museu em entrevista à autora, abril 1999.

⁴⁴ Conforme depoimento de Aline 2º colegial, 15 anos, à 5 anos no Museu, em entrevista à autora, abril 1999.

⁴⁵ Conforme depoimento de Jane, 16 anos, 1º colegial, há 3 anos no Museu, em entrevista à autora, abril de 1999.

⁴⁶ Conforme depoimento de Lidianne 2º colegial, 18 anos, à 3 anos n Museu em entrevista à autora, abril 1999.

⁴⁷ Conforme depoimento de Patrícia 1º colegial, 17 anos, à 2 anos no Museu em entrevista à autora, abril 1999.

⁴⁸ Conforme depoimento de Guilherme 1º colegial, 17 anos , há 2 anos no museu: em entrevista à autora, abril 1999.

⁴⁹ Conforme depoimento de Victor 1º colegial, 17 anos, há 2 anos no Bueno Brandão em entrevista à autora, abril 1999.

⁵⁰ Conforme depoimento de Daniela, 15 anos, do 1º colegial, há 5 anos no Bueno Brandão, em entrevista à autora, abril 1999.

⁵¹ Conforme depoimento de Lorena de 16 anos, 2º colegial há 1 ano na escola Bueno Brandão, em entrevista à autora, abril de 1999.

controle dos “outros”. Aparecida⁵² perguntada sobre um lugar que considera tão ruim quanto castigo, afirma que *“Não tem. Desde que não seja na sala.”*

Já que as salas de aulas não são os melhores lugares para se estar, o que esses alunos acham das mesmas. As respostas dos alunos do Bueno Brandão foram as seguintes: Elida⁵³ *“Reflexo, chão arreventado, quente.”*, Itamar⁵⁴ *“Não é assim nenhum Nacional.(...) Mais limpo, mais livre, mais novo, tem muito barulho mas vai indo.”*, Marcelo⁵⁵ *“Mais ou menos. Falta ventilador.”*, Daniela⁵⁶ *“Meio abafada. Incomoda o barulho.”*, Roberta⁵⁷ *“Incomoda o barulho da serralheira.”*

Por seu lado, os alunos do Museu responderam: Aline⁵⁸ *“Muito desorganizado, a gente fica sentado amontado.”*, Arthur⁵⁹ *“Tem umas pequenas de mais, outras muito grandes.”*, Patrícia⁶⁰ *“Ventilador incomoda quem está na frente. Bate sol pro lado da rua.”*

A referência ao barulho, por parte dos alunos do Bueno Brandão diz respeito a uma serralheira que funciona ao lado da quadra em horário de aula. Transcrever as fitas gravadas nesta escola deu muito trabalho por causa da

⁵² Conforme depoimento de Aparecida, 16 anos, do 1º colegial, há 3 anos no “Museu”, em entrevista à autora, abril 1999.

⁵³ Conforme depoimento de Elida, 16 anos, 2º colegial há 8 anos na escola Bueno Brandão, em entrevista à autora, abril de 1999.

⁵⁴ Conforme depoimento de Itamar de 17 anos, aluno do 2º colegial da Escola Estadual Bueno Brandão há 1 ano, em entrevista à autora, abril de 1999.

⁵⁵ Conforme depoimento de Marcelo, Bueno Brandão, em entrevista à autora, abril de 1999.

⁵⁶ Conforme depoimento de Daniela, 15 anos, do 1º colegial, há 5 anos no Bueno Brandão, em entrevista à autora, abril 1999.

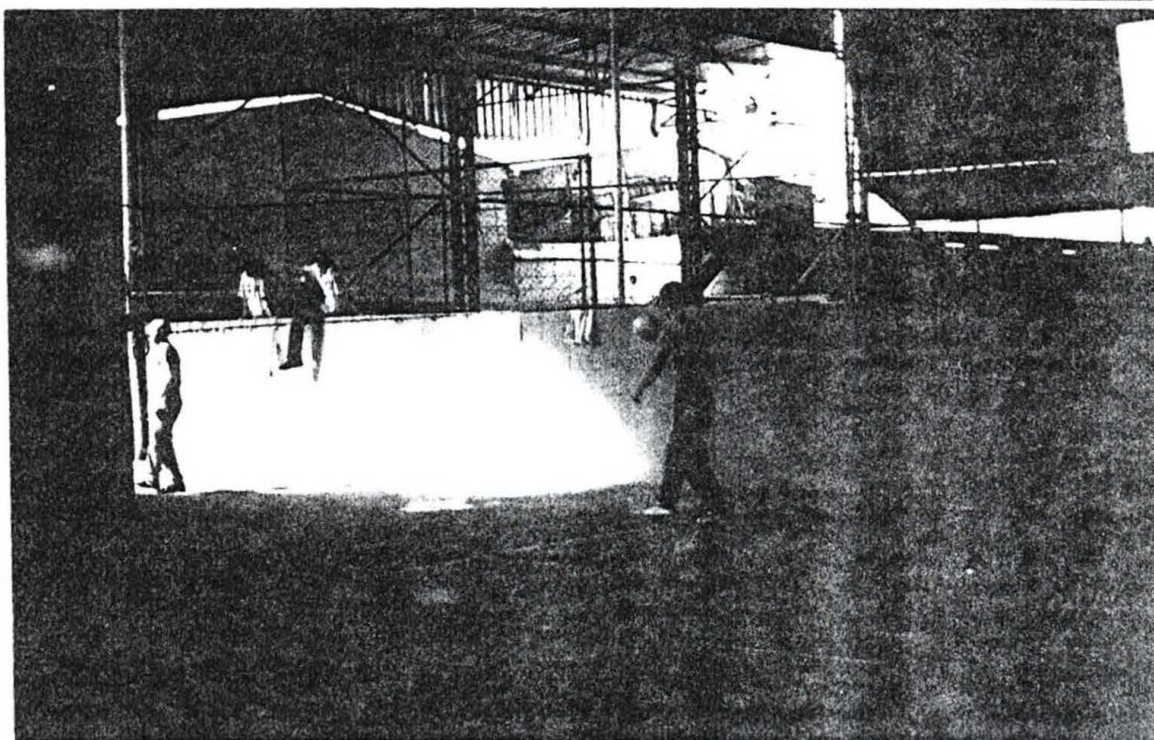
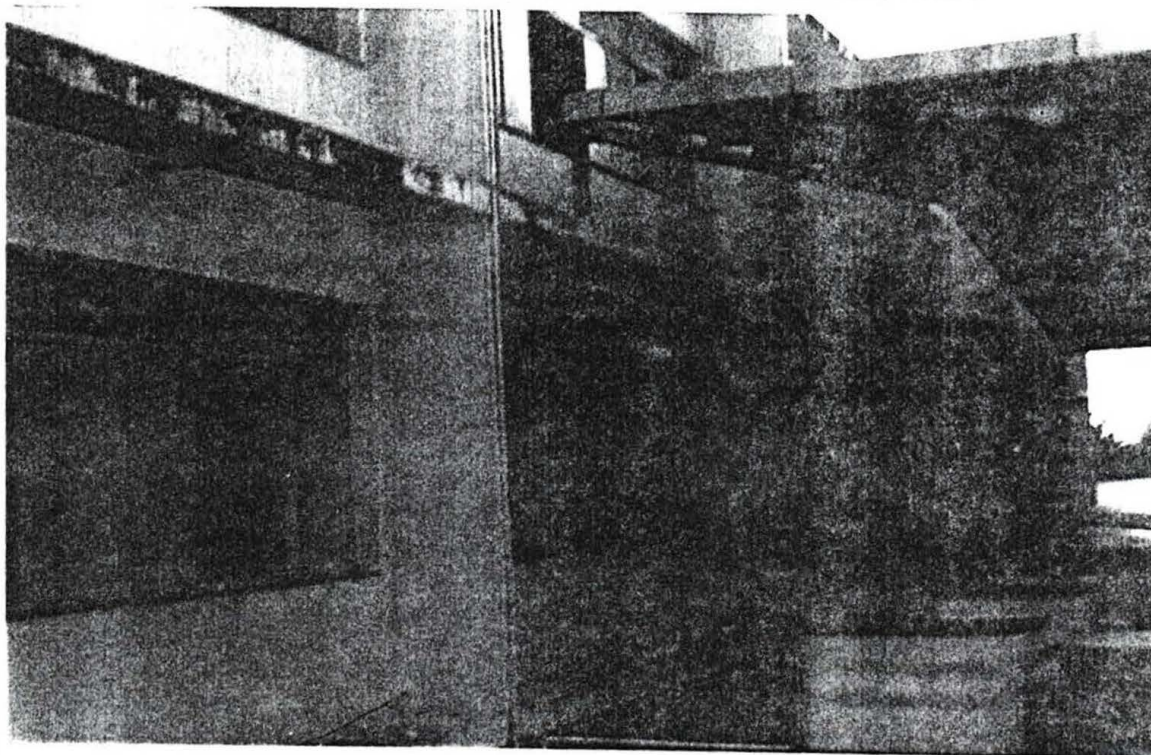
⁵⁷ Conforme depoimento de Roberta, de 15 anos, no 1º colegial do Bueno Brandão, há 1 anos, em entrevista a autora, abril de 1999.

⁵⁸ Conforme depoimento de Aline 2º colegial, 15 anos, há 5 anos no Museu, em entrevista à autora, abril 1999.

⁵⁹ Conforme depoimento de Arthur de 17 anos, aluno do 3º colegial da Escola E. Uberlândia há 7 anos, em entrevista à autora, abril de 1999.

⁶⁰ Conforme depoimento de Patrícia 1º colegial, 17 anos, há 2 anos no Museu em entrevista à

O telhado que aparece é da quadra. essa é a visão das janelas das salas de aulas voltadas para a quadra, no Bueno Brandão, 1999.

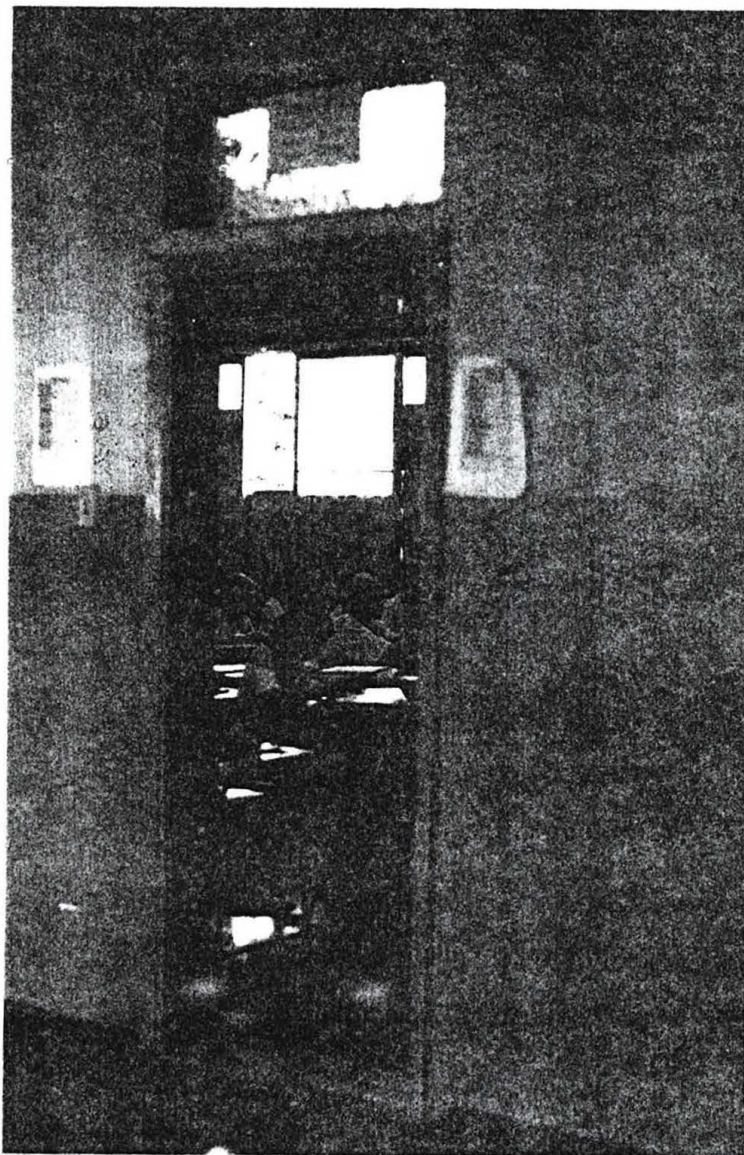


Observe no fundo do meio da foto. o telhado da serralheria. 1999.

interferência das máquinas do serralheiro. Esse problema se agrava ainda mais visto que o Bueno Brandão não tem área descoberta. Os pátios são as próprias áreas de circulação das salas e a quadra se localiza a três metros do prédio. Coberta com telhas de metal, como a serralheira funciona ao lado e o metal abafa o som, realmente o barulho torna-se insuportável. A análise das salas de aulas aqui feita privilegiou a questão de salubridade, sendo que os casos de iluminação e ventilação foram tratados a partir das especificidade de cada escola. O museu aparentemente deveria ser mais ventilado, pois tem um pé direito que mede o dobro do existente no Bueno Brandão e as janelas também são maiores. Porém o número de alunos que são colocados em cada sala anula aquelas vantagens. Ou seja, como as salas foram projetadas para comportar 20 à 30 alunos e hoje são usadas para 50, o calor é intenso, seja numa construção adequada a ventilação ou não. Quanto à luz, o Museu tem algumas salas onde o sol bate pela manhã na janela, o que explica a reclamação de Patrícia, enquanto as outras salas não têm esse problema. No Bueno Brandão, o sol da manhã só incomoda, como afirma Vinícius⁶¹ por que as venezianas das janelas quebraram, mas de uma forma geral, essa não foi a principal reclamação. Porém quanto a iluminação artificial, esse espaço todo coberto e baixo, a lâmpada fria utilizada, incomoda muito, pois a frequência desta é mais acelerada do que a luz do sol, o que causa uma distorção que os olhos

Sala de aula

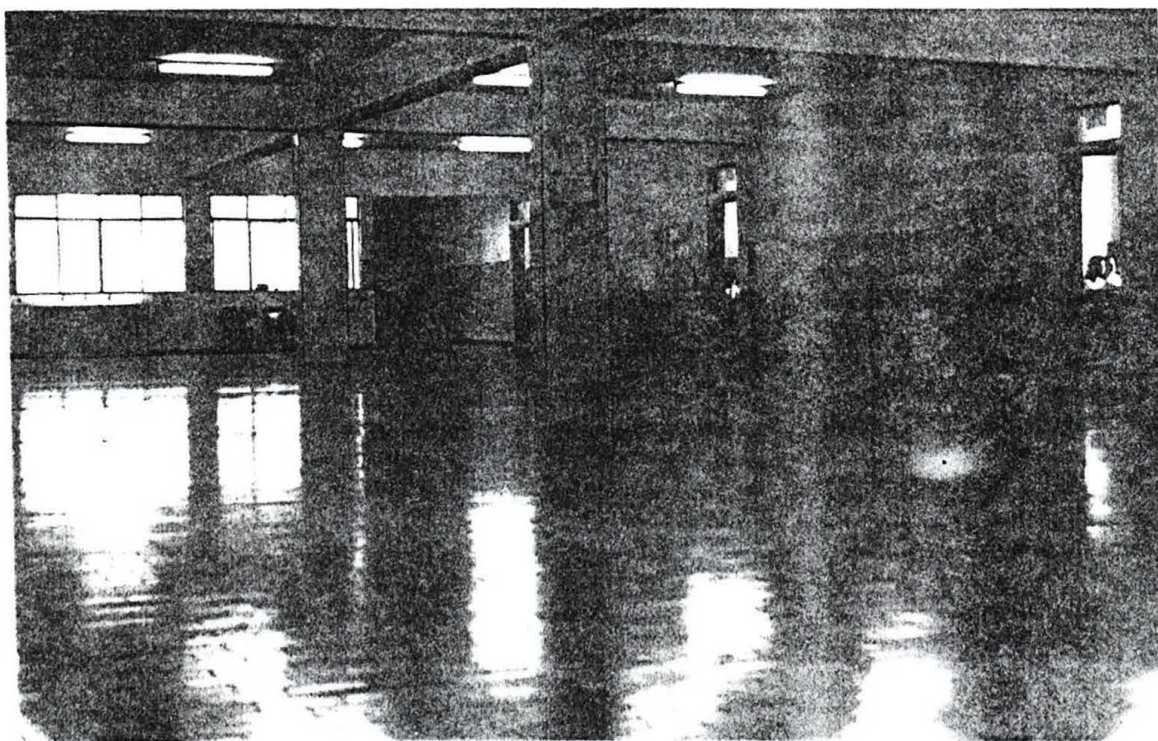
⁶¹ Conforme depoimento de Vinícius, de 15 anos, 1º colegial do Bueno Brandão, há 9 anos, em entrevista à autora, novembro de 1998.



Sala de aula
do Bueno
Brandão,
1999.

Observe a iluminação
ea altura da
porta e janela.

Pátio de acesso
às salas do
2º andar,
1999.

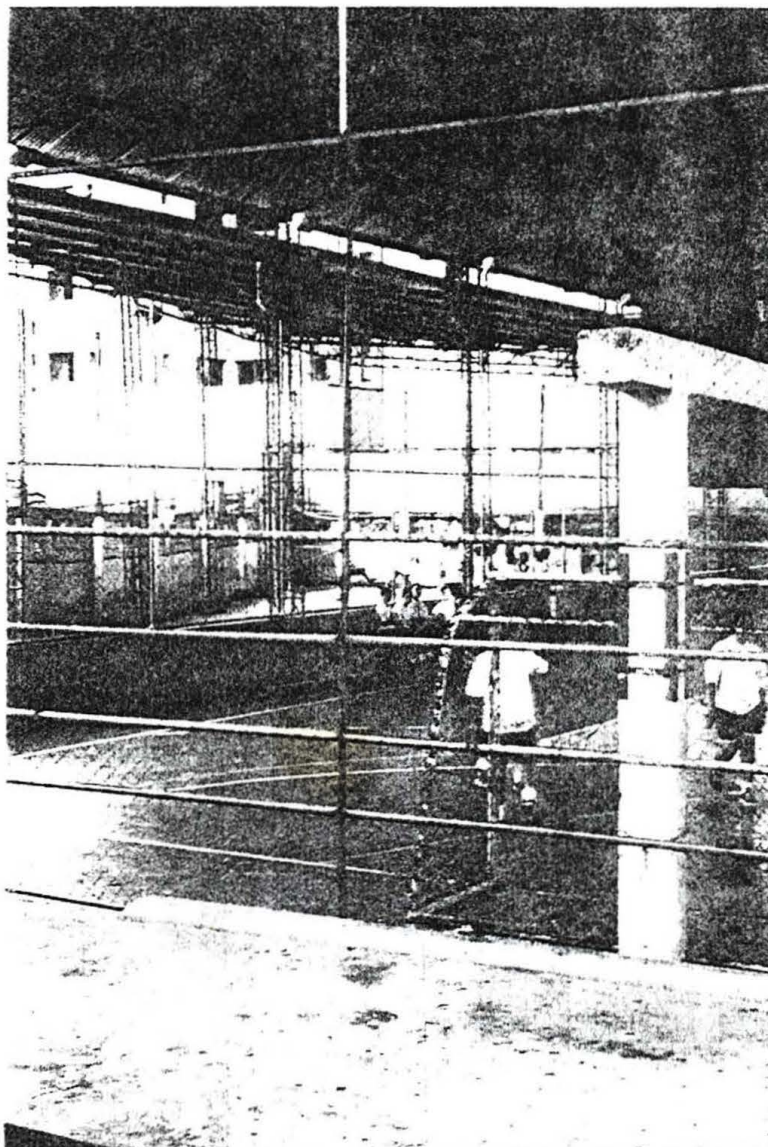


humanos têm de se adaptar. Com o teto baixo, a luz incide diretamente em ondas bastante intensas. Já no Museu esse problema não existe. A maior distância da luz até o aluno e a entrada de luz solar pela área descoberta e pelas grandes janelas, possibilita um equilíbrio maior na frequência da luz fria, o que auxilia na adaptação dos olhos.

Mas o que é mais característico na fala dos alunos é o fato das salas de aula serem desagradáveis. Esse é um grande problema, na medida em que, numa instituição formal de ensino, se pretende que o aluno se mantenha a maior parte do tempo dentro dessas salas. A fala de um dos entrevistados resume essa questão ao indagar porque a diretora não se predispõe a ficar numa sala como estas, abafada e com sol. Se não é a sala de aula o lugar mais agradável, o prazer do aluno em frequentar as aulas é limitado, restringindo também seu desenvolvimento intelectual.

O fato dos alunos não gostarem das salas de aulas, ao mesmo tempo que afirmam ser a relação com os amigos o maior motivo de interesse pela escola, parece não legitimar um discurso muito comum nos meios educacionais formais de que “O aluno de hoje não quer saber de nada.” Muito pelo contrário, esses alunos estão dizendo que valorizam a sociabilização, que não deixa de ser proposta inclusive da educação oficial. Afinal, a escola em última instância serve para levar o aluno a compreender a sociedade e nela poder produzir e desenvolver suas potencialidades.

Ocorre que, ao invés de reconhecerem as salas de aula como espaço que estimulam a aprendizagem, esses alunos preferem outros espaços, seja por não

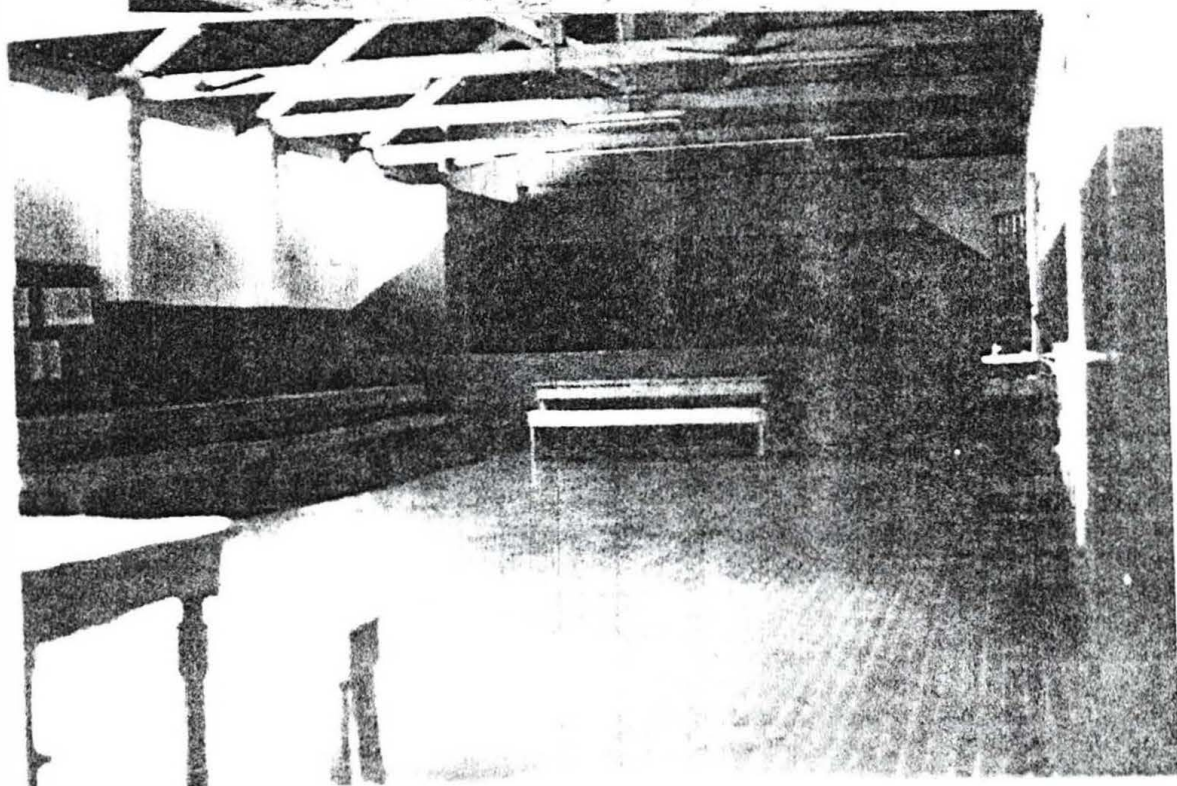


quadra coberta
e uma pequena
quadra descoberta
do Museu.

1999.

Galpão, do
Museu.

1999.



terem o professor ou a autoridade à vista; seja por não gostarem do espaço das salas de aula, na forma como são projetadas (sempre quadradas, de um plano único); seja ainda por preferirem ficar somente entre os "iguais". Entretanto, esses alunos não só estão interessados na escola, pois à ela eles se deslocam cinco vezes por semana, como também, além da valorização dos amigos, eles entendem os estudos como fator importante no interesse escolar, e isso aparece na maioria das respostas. Aliás, nesse aspecto há uma diferença entre os alunos do Museu e os alunos do Bueno Brandão. Entre estes últimos, uma grande parte ao responder sobre o interesse de ir à escola indicaram os estudos no primeiro plano e os amigos em segundo, ao contrário dos alunos do Museu para quem os amigos aparecem em primeiro lugar para a grande maioria. Aliás, alguns destes inclusive esqueceram os estudos, o que não aconteceu com os alunos do Bueno Brandão para quem o estudo esteve sempre presente.

Cabe ressaltar que o fato dos alunos da escola Bueno Brandão valorizarem os estudos isso não indica que tal posicionamento está ligado a estímulos vinculados à organização do espaço físico dessa instituição. O descaso com que o prédio do Bueno Brandão foi tratado pelos alunos, aponta em direção contrária. Isso aparece em falas como as da Daniela⁶², "*já acostumei*"; ou Roberta⁶³, "*Muito bom, apesar de não ser muito bem assim.*"; Em outros casos aparecem respostas curtas e diretas como as do Marcelo, do

⁶² Conforme depoimento de Daniela, 15 anos, do 1º colegial, há 5 anos no Bueno Brandão, em entrevista à autora, abril 1999.

⁶³ Conforme depoimento de Roberta, de 15 anos, no 1º colegial do Bueno Brandão, há 1 anos, em

André e do Tales “Gosto.”. Outras como a do Itamar⁶⁴ “*Não gosto muito não, muito fechado parece uma cadeia.*”; Élida⁶⁵ “*Não gosto muito não. Uma prisão. Grades. Cheio de grades. Tem diferença entre aluno ruim com professor ruim e aluno bom com professor bom.*”; Já para Lorena⁶⁶ “*a escola, assim , eu não gosto muito. Ela é estranha, tem hora que ela parece uma prisão.*”; Ainda aparecem outras respostas simples, como a de Eleziane⁶⁷ “*muito fechado.*”. Essa conotação de “prisão” também apareceu em duas entrevista de alunas do Museu: Branca⁶⁸, que antes estudava no Bueno Brandão e Kelen⁶⁹. Esta última, perguntada a sobre o Museu responde “*Bem rústico. É mas... Precisa de uma reformazinha.*”. Perguntada se prefere um prédio mais moderno e como ele seria, fica em silêncio. Mas quando é inquirida se a expectativa é de um prédio do tipo do Bueno Brandão, o silêncio é quebrado rapidamente “*Não, presídio, não.*” A partir daí começa a explicar quais as mudanças seriam “legais”, como pintura e ambiente de educação física separado de sala de aula. No que diz respeito ao descontentamento em relação ao prédio, não só dos próprios alunos do Bueno Brandão como também os alunos do Museu colocaram suas queixas. Mas sobre interesse desses alunos ao se colocarem mais motivados

entrevista a autora, abril de 1999.

⁶⁴ Conforme depoimento de Itamar de 17 anos, aluno do 2º colegial da Escola Estadual Bueno Brandão há 1 ano, em entrevista à autora, abril de 1999.

⁶⁵ Conforme depoimento de Elida, 16 anos, 2º colegial há 8 anos na escola Bueno Brandão, em entrevista à autora, abril de 1999.

⁶⁶ Conforme depoimento de Lorena de 16 anos, 2º colegial há 1 ano na escola Bueno Brandão, em entrevista à autora, abril de 1999.

⁶⁷ Conforme depoimento de Eleziane, 14 anos, 1º colegial, há 9 anos na escola Bueno Brandão, em entrevista à autora, abril de 1999.

⁶⁸ Conforme depoimento de Branca, 2º colegial do Museu, em entrevista à autora, novembro de 1998.

⁶⁹ Conforme depoimento de Kelen, 17 anos, 3º colegial, há 3 anos no Museu, em entrevista à autora, abril de 1999.

pelo no estudo do que pela sociabilização foi mais evidente nos os alunos do Bueno Brandão.

Cabe aqui retornar o começo da discussão sobre a relação entre interesse de frequentar o prédio e estímulo de aprender. O maior interesse pelos estudos por parte dos alunos do Bueno Brandão à primeira vista indica que eles importam-se com o ensino, o que não pode ser encarado como constatação de que os mesmos se ocupam com o estudo. A autoridade e hierarquia representadas na divisão do espaço físico, como também na rigidez da forma do prédio, produzem um gerenciamento psíquico na memória dos alunos sobre a questão oficial da ordem de estudar. Porém, enquanto atitude individual preocupada em desenvolver o aprendizado, é questionável. A imagem visual aprisionada superficialmente verifica-se nas respostas dos entrevistados, visto que são curtas e diretas. Constrangidos pela ordem e inflexibilidade do ambiente repetem o discurso esperado socialmente: ir à escola para estudar. Mas quanto ao desenvolvimento mental, a transmissão de informação é limitada para a potencialidade de trocas que o ser humano é capaz. Constrangidos e aprisionados, como eles mesmos se colocam nas respostas, a troca de informações que verdadeiramente canalizaria a aprendizagem se restringe à transmissão e disciplinarização do aluno. A rigidez linear do prédio sugere mais um culto ao passado imóvel do que diversidade que apontaria para várias escolhas, flexibilizando o passado para que o presente possa ser transformado.

Lembrando o contexto em que o prédio do Bueno Brandão foi inaugurado, um ano antes do AI-5, talvez chega-se a conclusão de que o mesmo continua,

ainda hoje, nos limitados anos de ditadura, cujo aprisionamento é uma das suas expressões.

No entanto, em nenhuma das entrevistas, falar mal da sua própria escola foi o enfoque principal dos alunos. Os defeitos apareciam conforme a memória era resgatada. Portanto, coube aí o cuidado da pesquisadora para não cair no discurso generalizante e conservador que homogeneiza alunos como “adolescentes sem causa”, despreocupados e portanto sem proposta para o futuro.

No que diz respeito à organização espacial das salas, (basicamente a disposição das carteiras), para a maioria dos alunos a forma enfileirada “na medida do possível” está “legal”. Enquanto que os alunos do Museu responderam na maioria como Aline⁷⁰, que *“A gente faz a sala. Aqui tem muito de turminha, o professor mesmo...”*, os do Bueno Brandão responderam como Jane⁷¹ *“Legal.”*, o que reforça a noção de constrangimento dos alunos do Bueno Brandão. Mas isso também aponta o posicionamento pessoal do adolescente ao assumir a responsabilidade da organização da sala. Diante da opção de escolherem uma nova possibilidade dentro do espaço que é oferecido para se ter aula, Aline, do Museu, afirma: *“Eu acho perda de tempo. Sair da sala já perde um minuto da sua aula. Depois chega no outro lugar, não é sua sala, então não presta atenção direito.”*

⁷⁰ Conforme depoimento de Aline 2º colegial, 15 anos, à 5 anos no Museu, em entrevista à autora, abril 1999

⁷¹ Conforme depoimento de Jane, 16 anos, 1º colegial, há 3 anos no Museu, em entrevista à autora, abril de 1999.

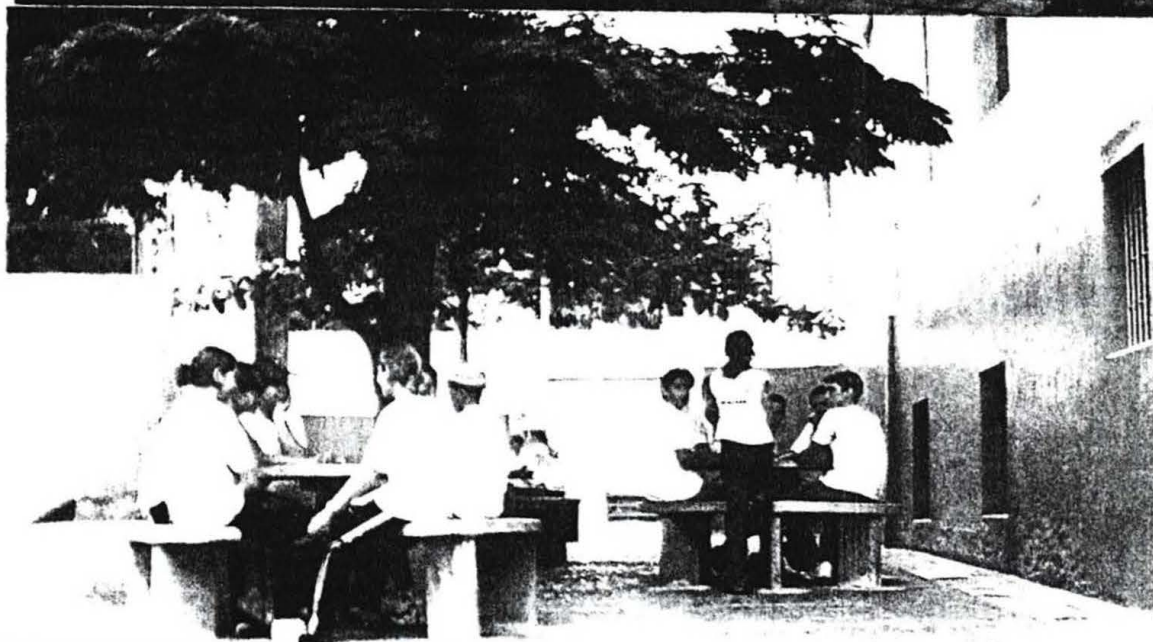
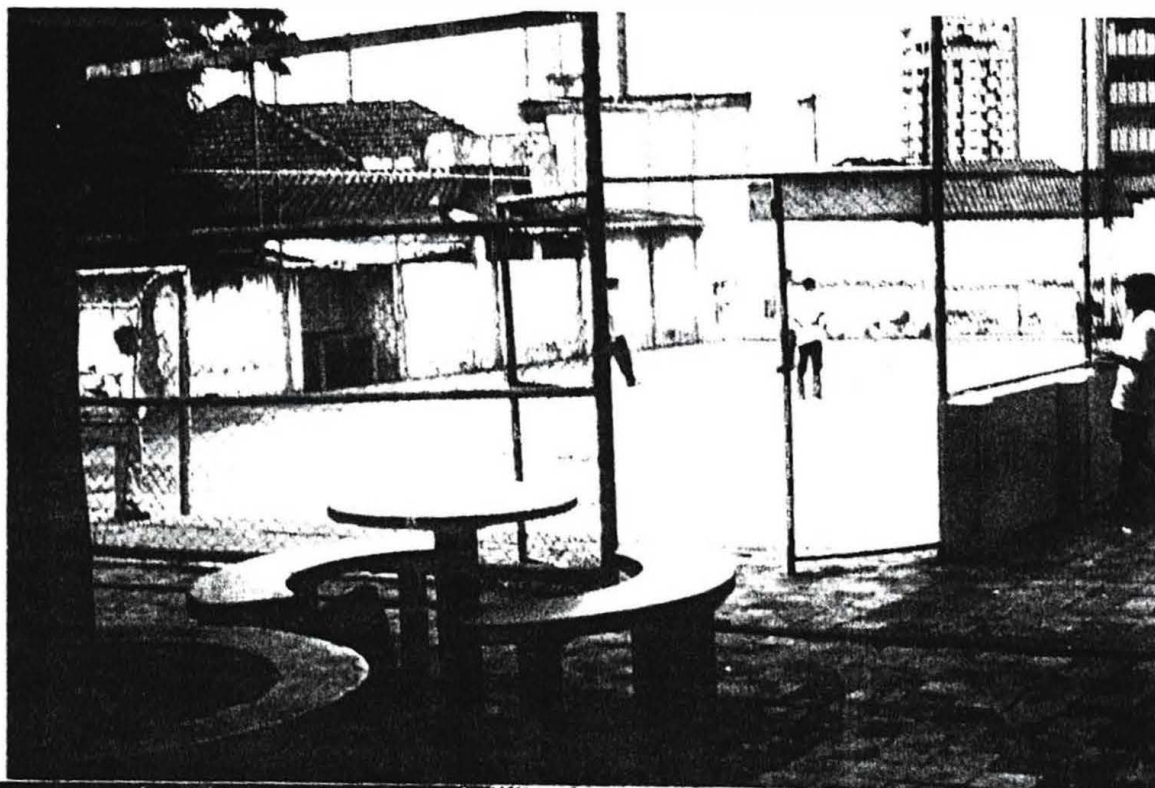
Veja que essa resposta não exclui a possibilidade de "sua sala" ser mais agradável. Muitos alunos dos dois colégios propuseram aulas fora da sala de aula. Os alunos do Museu falam "nas mesinhas", "na quadra coberta", "no galpão", "na caixa d'água", "na quadra descoberta". Enquanto os do Bueno Brandão propuseram "na quadra", mesmo por que não têm alternativa sem espaço interno Élide e Lorena imaginaram aulas na praça à frente do colégio.

Em relação as instalações do prédio, ao serem instigados a mudar, mesmo que imageticamente, o espaço físico das escolas. A dificuldade dos alunos dos dois colégios em estar propondo mudanças foi significativo. Alguns alunos do Museu chegaram a responder que "não mudaria nada.". Quanto aos alunos do Bueno Brandão, aprisionados em um espaço rígido e monótono, como afirma Vinícius⁷², despejaram grandes mudanças: de construções de salas de aulas diferentes; salas de recreação, com vídeo, TV e cadeiras reclináveis, arborização, retirada das grades; colorir as paredes. Já os do Museu se limitaram a pequenos detalhes, umas mesas a mais, a manutenção da pintura, uma modernização não no formato do prédio, mas em acessórios como computador, ar condicionado e TV.

Percebe-se, com isso que a antiga construção, fruto de um projeto de uma sociedade diversificada e que comporta uma identidade generalizada, é mais adequada à satisfação do aluno. O ecletismo nas formas e a não economia de espaço provocam liberdade de escolha, acesso à variedade de

⁷² Conforme depoimento de Vinícius, de 15 anos, 1º colegial do Bueno Brandão, há 9 anos, em entrevista à autora, novembro de 1998.

Mesinhas à esquerda do prédio e outra quadra descoberta, Museu, 1999.



Mesinhas à direita do prédio do Museu, 1999.

informações de imagens e benefícios de salubridade que são sentidos pelos alunos. Isso torna-se bastante claro na medida em que, no extremo do desprazer e em vista da possibilidade de mudanças, eles preferem deixar como está. Enquanto motivação para aprendizagem, o espaço mais flexível além de possibilitar maior prazer e, portanto, maior interesse de participação, estimula a responsabilidade do aluno diante das suas próprias ações. Já que o espaço oferece alternativas, o aluno tende a se posicionar diante de uma ou outra opção, o que foi notado ao denunciarem a “culpa” pelo posicionamento das carteiras dentro da sala de aula.

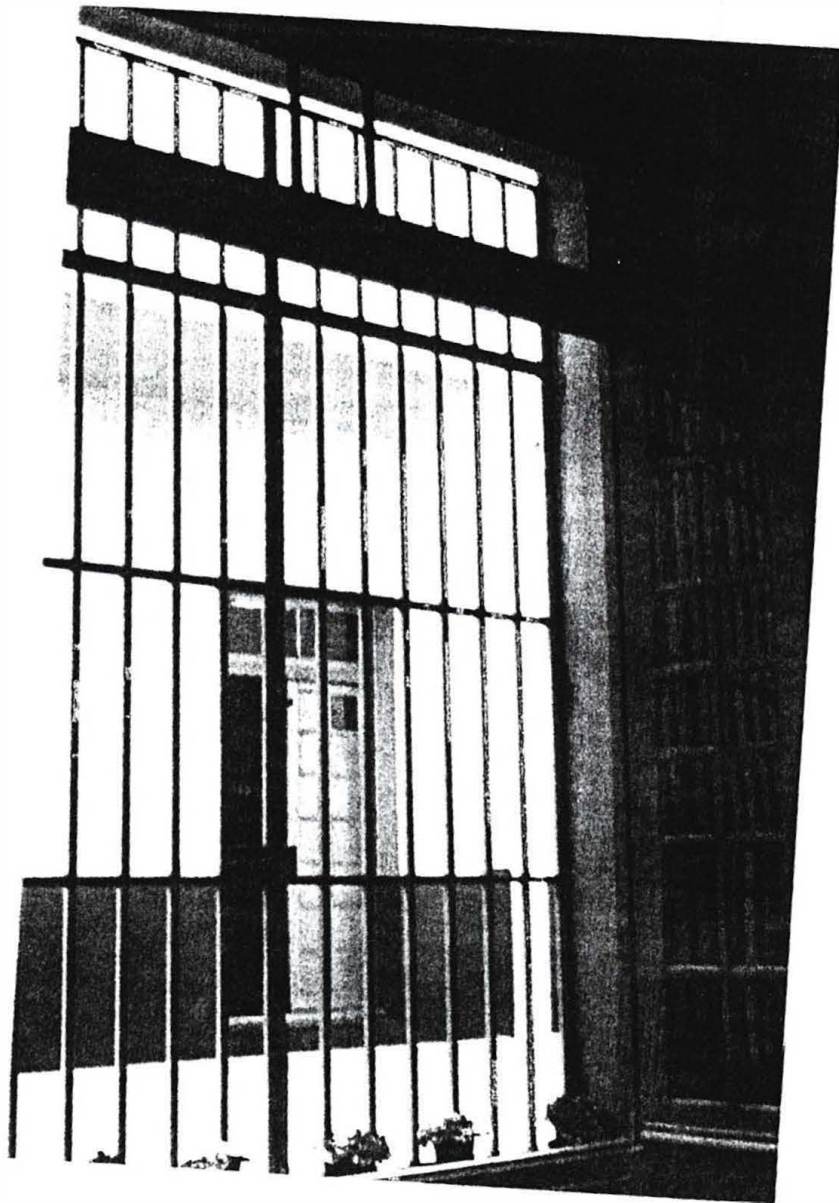
O que fica evidente é que os alunos gostam de ter opção e um espaço fechado é rejeitado pelos mesmos. Mesmo que eles se adaptem ao que lhes é oferecido, não esqueceram de mencionar outras alternativas de espaços marginais que buscam no corpo do colégio.

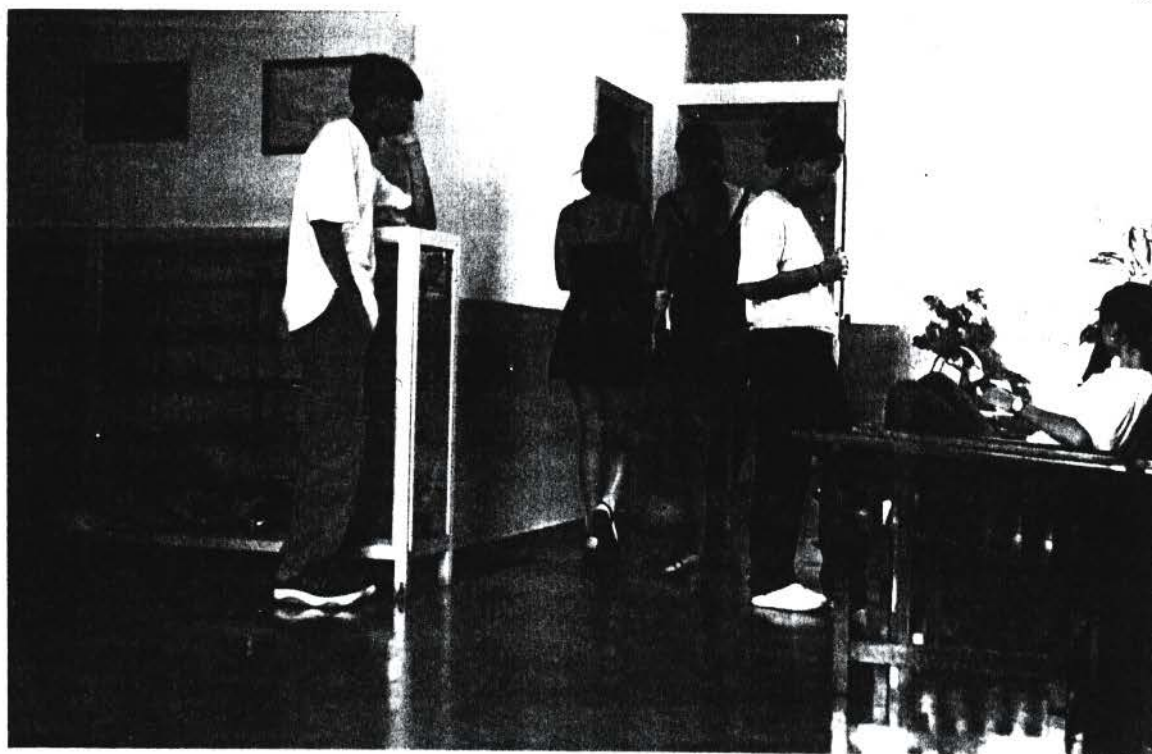
Sendo assim, esse “professor especial”, no caso do Bueno Brandão não consegue ser suficiente à potencialidade dos estudantes, mesmo reprimidos, esses alunos não se adaptam sem manifestações. A “falta” de espaço produz a vontade de grandes mudanças por parte dos alunos. Já no Museu a convivência com esse “professor” é mais agradável e, portanto, não instiga grandes mudanças. Sendo obrigados a se enquadrarem no que lhes é oferecido, os alunos do Museu se sentiram mais à vontade durante as entrevistas. Sem constrangimentos falaram sobre seu dia a dia, e sobre o que gostam e não gostam nos mínimos detalhes. Já os alunos do Bueno Brandão se apresentaram apreensivos, olhando para os lados. Não estando à vontade, as

respostas foram curtas e os detalhes deixados de lado, o que não os impediu de imaginarem uma proposta diferente para o espaço.

Diante disso tudo, o estudo desses dois prédios escolares de Uberlândia e dos agentes ali envolvidos, permite concluir que a educação estatal, ordenada na lei, que as funções sociais impostas e que as propostas de homogeneizações culturais não são suficientes para sobrepor as potencialidades transformadoras dos homens. Inibem-nas, mas não as eliminam. Cultivadas e incentivadas essas potencialidades produzem lentamente possibilidades detalhadas, observadas e contempladas de rupturas que apontam para o aprimoramento necessário ao próprio ser humano. Limitar essas potencialidades é também, contraditoriamente, produzir desejos de mudanças. E essa insatisfação ou a exteriorização desse aprisionamento, muitas vezes, aparece na forma da violência e das revoltas, não sem causa, mas raramente com projeto claros de mudança.

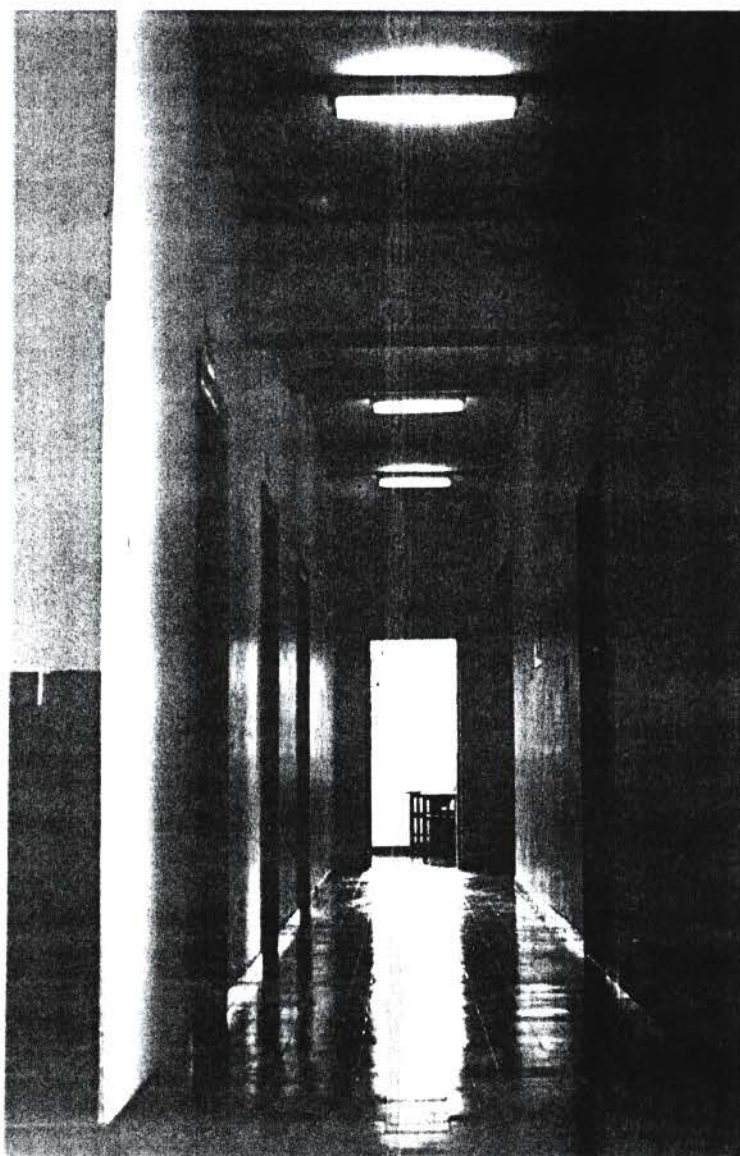
Essa é a visão que a diretora do Museu tem de dentro da sua sala. A porta dá para a parede do corredor.





A porta aberta ao fundo da foto dá para o pátio de acesso às salas de aulas do 1º piso no Bueno Brandão, a sala da diretora é a porta fechada ao lado esquerdo dessa, aberta pode-se ver quase todas as portas das salas de aulas desse piso.

Ao lado da direção, a administração, esse corredor é o que se tem por trás da direção.



Considerações Finais

Esse foi um trabalho de muitas dúvidas e inseguranças, certezas e harmonia. A história que é construída a cada dia, em cada experiência vivida, experiências que não se constituem como espetáculo sem conflitos, mas como pluralidades que se relacionam, foi se manifestando a medida que a pesquisa ia caminhando.

A passos lentos, o diálogo com as fontes indicava a variedade de peças que poderiam ser utilizadas para a construção do texto acadêmico. A cada investida da pesquisa, nova experiência, e velhas concepções iam sendo modificadas. Foi assim que a descoberta foi se dando e a (re)invenção da História foi acontecendo.

O primeiro capítulo foi uma obra a desvendar e os encaminhamentos mostraram a utilização do espaço físico para a construção de monumentos, como os dois colégios, que servem de memória coletiva da cidade. Na construção dessa memória coletiva, algumas imagens são eleitas e outras são destruídas principalmente por vias econômicas e políticas, questões marcadas por traços cruéis e desumanos. Nesse sentido, o desenvolvimento intelectual do estudante não é priorizado, mas sim seu aprisionamento e sua disciplinarização.

No segundo capítulo, a preocupação é voltada para os usuários desses espaços físicos. O que os poderes políticos e econômicos negligenciam, aqui foi resgatado. Em contato com cada aluno, buscou-se descobrir através das

experiências desses, quais as queixas, os desejos e qualidades que os colégios lhes têm oferecido e como isso foi incorporado na própria memória.

Mas as perguntas não cessaram e a pesquisa continuou seu movimento. As questões sobre imagem do espaço físico e a convivência do estudante com essa criou corpo. As imagens visuais foram se tornando fragmentos da História, uma ilustração metodologicamente necessária. Ou seja, não uma história de ilustrações sem utilidade, desconeta do conteúdo do texto, mas como um documento tão importante e preciso como qualquer outro (leis, ofícios, escritos, depoimentos). As experiências dos usuários dos colégios também foram acompanhando esse historiar.

E historiando, as palavras como imagem, cultura, literatura, culturas, imaginário cotidiano, modo de vida, inconsciente coletivo, consciente individual, política, cotidiano político, espaço, forma, forma de vida criaram uma sopa de ilhas cimentadas pelo movimento da vida, pelo processo das relações de posturas políticas individuais diretamente vinculada com a ação coletiva.

O coletivo portador então da situação, formador da imagem! "O intelectual cria imagens. Não há limite para a criação de imagens."⁷³ Pois não há limite humano.

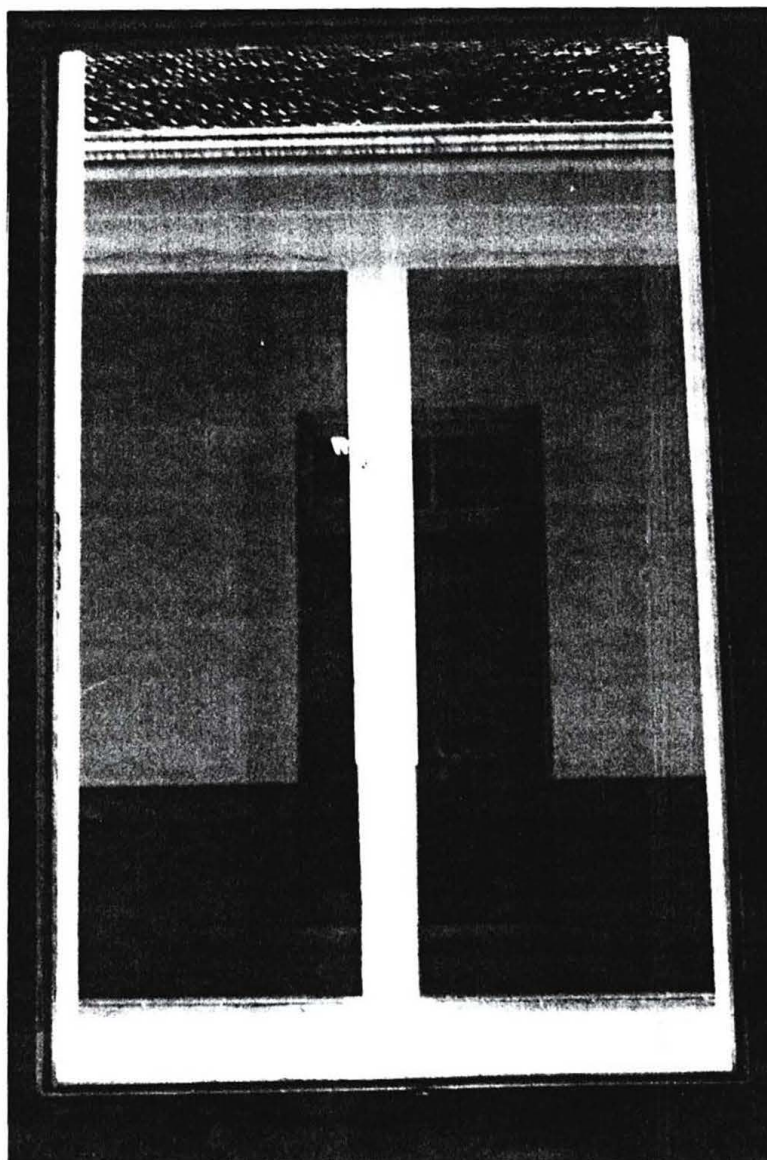
Ao contrário, o limite humano se explicita na forma, na imagem, nas culturas, na política, no inconsciente coletivo, nas relações políticas. A forma de vida que produz a imagem do espaço, ou situação política é o próprio limite

⁷³ SANTOS, Milton. em entrevista à revista Democracia Viva n.12, fev. de 1998, ed. Moderna, Rio de Janeiro, p79.

humano. Nesse caso, as imagens dos colégios, E. E. J. B
Brandão e E. E. de Uberlândia são

O ecletismo,

1999⁷⁴.



⁷⁴ Todas as fotos colorida fazem parte do trabalho empírico da autora de observação durante a pesquisa.



⁷⁵ *Todo o trabalho limitado à subserviência mesmo.* ("A sobrevivência na Universidade exige esta subserviência"). "Você põe no seu currículo foi citado tantas vezes. Isso não quer dizer nada." Palavras de Milton Santos. Revista Democracia Viva, fev. 1998, número 2.

Bibliografia

AB arquitetura brasileira/ Brasil, 1972.

AC 106, La Revista del Fibrocemento, Zurich, 1982.

ACFC 101 A Revista do Fibrocimento, Zurich, 1981.

Acropole, n.377, São Paulo, 1970.

ARTIGAS, Vila Novas. Caminhos da Arquitetura. PINI/ São Paulo, 1986.

CARDOSO, Heloísa H. P. Conciliação. Reformas e Resistência. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

DIAS, Marina Célia Moraes. Metáfora e pensamento: considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicações para a educação pré-escolar; ed. UFMG, Belo Horizonte, 1997.

FENELON, Déa. "O historiador e a Cultura Popular". Revista; História e Perspectiva, Uberlândia, 1992.

GUATARRI, Felix e ROLNIK, Suely. Micropolítica. Cartografias do desejo, ed.Vozes, Petrópoles, 1993.

IANNI, Octavio. "As Ligas camponesas e criação da SUDENE" In: Origens Agrárias do Estado Brasileiro." Ed Brasiliense, São Paulo, 1984.

LARA, Tiago Adão. A Escola que não tive, o professor que não Fui, ed. Edufu, São Paulo, 1996.

LOUREIRO, Claudia. Cdroom "Pós -ocupação do Espaço." FAU-USP, 1999.

MACEDO, Ana Paula R. "O Estado mais católico do Brasil" Boletim do

CEDHIS/UFU, Uberlândia, 1998.

MONARCHA, Carlos. "A reinvenção da cidade e da multidão. Dimensões da modernidade brasileira: A Escola Nova. Ed. Cortez. SP.1990.

NETTO, J. Teixeira Coelho, Moderno e pós-moderno, São Paulo, I&PM, 1986.

PENIN, Sônia. "Cotidiano e Escola. A obra em construção", ed. Cortez, São Paulo, 1995.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral, Revista Brasileira de História, São Paulo, ANPUH/ Marco Zero, n.19, set.89/fev.90.

SANTOS, Milton, em entrevista à revista Democracia Viva n.12, fev. de 1998, ed. Moderna, Rio de Janeiro.

SCHWARTZMAN, Simon. "Estado Novo, um Auto-retrato.", Ed. Universidade de Brasília, DF, 1983.

SEVCENK, Nicolau. História da Vida Privada no Brasil. Republica: da Belle Époque à Era do Rádio.", Org, Fernando Novais Comp.Das Letras, São Paulo, 1998.

SFORNI, Marta S. de Faria. Educação e trabalho no Brasil no final do século XIX: é preciso desenvolver um "Novo Espírito."

THOMPSON, Paul. A voz do Passado. História Oral. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992, p 209.

WECHSLER, Mariângela Pinto da Fonseca. Relações entre Afetividade e Cognição: Moreno e Piaget. Ed. Annablume Fapesp, São Paulo, 1998.

Outras fontes

Certifica a doação do terreno na praça da República. Cartório Primeiro Registro de Imóveis e Hipotecas. Comarca de Uberlândia Estado de Minas Gerais, 1959.

Conselho Estadual de Educação, resolução 306/83.

Depoimentos dos alunos da E. E. J. Bueno Brandão à autora em novembro de 1998 e abril de 1999: André; Carolina; Daniela; Eleziane; Élide; Itamar; Lorena, Marcelo, Roberta, Roberta; Tales; Victor; Vinícius. Histórico da E. E. de Uberlândia, 1996.

Depoimentos dos alunos da E. E. de Uberlândia à autora em novembro de 1998 e abril de 1999: Aline; Aparecida; Artur; Branca; Gisele; Guilherme; Jane; Kelen; Leonardo; Lidiane, Livia; Marco Antônio; Michele; Patrícia; Rafael; Rafael; Thais.

Fotografias encontrada no arquivo da E.E. Bueno Brandão.

Fotografias do arquivo Municipal de Uberlândia.

Jornal Diário da Revolução, número 1-3, Uberlândia, 1930.

→ Jornal "O Minerinho", E. E. de Uberlândia, 1957.

Jornal "O Tribuna", número 13, Uberlândia 1922.

KUBITSCHEK, Jucelino. Porque construí Brasília, ed. Bloch, Rio de Janeiro, 1975.

LEI Darcy Ribeiro, Diretrizes de Base da Educação 9394/96. Senado Federal, 1997.

Planta Baixa da E. E. J. Bueno Brandão, 1959.

Planta Baixa da E. E. J. Bueno Brandão, de 1983. Prefeitura Municipal de
Uberlândia.

Planta Baixa do Gynásio de Uberlândia, sem data.

Projeto Pedagógico para 1997 da E. E. Bueno Brandão. Diretor Sérgio.

Projeto para reforma de 1998 da E. E. de Uberlândia. Diretora Iolanda.

Planta Baixa da E. E. de Uberlândia, de 1972. Projeto número 532. Prefeitura
Municipal de Uberlândia.

Regimento Escolar. E. E. Bueno Brandão de 1º e 2º graus - 046D Praça Tubal
Vilela, n.76 Uberlândia -MG, 1993.

➔ Revista Uberlândia Ilustrada, 1957- 1962.

TEIXEIRA, Tito. "Bandeirantes Pioneiros do Brasil Central". História da criação
do município de Uberlândia, 1970.